

CAPÍTULO 3

Imagens sociais das pessoas LGBT

Carlos Gonçalves Costa, Miguel Pereira, João Manuel de Oliveira e Conceição Nogueira

Nos últimos anos têm vindo a surgir, em alguns pontos geográficos do globo, mudanças legais que pretendem diminuir a discriminação baseada na orientação sexual e/ou na identidade de género (por exemplo a igualdade no acesso ao casamento civil por duas pessoas do mesmo sexo em Portugal, a extensão de direitos à adoção por casais de pessoas do mesmo sexo no Reino Unido e nalguns estados dos EUA, ou a lei de identidade de género em Espanha) Não obstante, esta mudança social é facilmente contrastada com situações em que as pessoas LGBT (lésbicas, gay, bissexuais, transgénero, transexuais) e *queer* ou não -heterossexuais são discriminadas e continuamente excluídas do acesso a determinadas instituições e direitos (Clarke, Ellis, Peel & Riggs, 2010)

As formas, processos, graus e/ou consequências das violências exercidas às não-heterossexualidades são diferenciadas em contextos históricos, sociais, culturais e/ou políticos No caso português, tomemos como exemplo a exclusão da possibilidade de adotar enquanto casal de pessoas do mesmo sexo; nos Estados Unidos²⁵ as políticas militares impossibilitam que homossexuais assumidos possam servir nas forças armadas ou sequer que militares LGBT possam assumir -se e no Irão a homossexualidade masculina é punida com pena de morte enquanto que às mulheres lésbicas cabe um castigo de mil chicotadas As pessoas transgénero são, de forma global²⁶, as mais desprotegidas e estigmatizadas Ademais, importa -nos desde já referir a importância de um olhar interseccional quando nos propomos a pensar sobre discriminação Como explicam Clarke *et al* (2010) é importante para que possamos explorar as diferentes formas pelas quais as pessoas estão localizadas em relação a categorias dominantes Assim, géneros e identidade(s) de género, orientações sexuais, classes sociais, etnias, localizações geográficas ou meios habitacionais e graus de incapacidades/deficiências se conjugam e operam de diversas formas na construção e manutenção das discriminações

²⁵ Até à data a lei ainda não foi alterada No entanto estão previstas votações para breve por parte do Congresso dos Estados

Unidos Ver por exemplo: <http://www.pinknews.co.uk/2010/05/27/us-congress-may-vote-on-military-gay-ban-today/>

²⁶ Para informações e mapeamentos sobre realidades de pessoas LGBT ver por exemplo <http://ilga.org/>

A discriminação em função de orientações sexuais, amplamente designada e difundida como homofobia, tem sido alvo de críticas por servir de guarda-chuva às experiências de gays e lésbicas e também de bissexuais e pessoas trans, não sendo sensível às diferenças nas experiências de discriminação. Como notam Clarke *et al* (2010) embora exista alguma partilha nas bases da discriminação entre identidades categorizadas, as pessoas bissexuais e trans são alvo de experiências diferentes – por exemplo, ideias de que a bissexualidade é um certo grau de confusão identitária; de que os/as bissexuais são *na verdade* gays ou lésbicas que não se conseguem assumir; que são promíscuos/as, têm necessariamente vários/as parceiros/as ao mesmo tempo; ou são obcecados/as por sexo (ver por exemplo Eliason & Schope, 2001; Rust, 1993). No caso das pessoas trans e/ou intersexo as experiências discriminatórias passam também pela organização de uma sociedade onde o género é pensado de forma rígida e binária, e por isso excludente. Alguns exemplos disso são a dificuldade de apropriação de espaços públicos, muitos deles erguidos sobre o binarismo da ordem de género (e.g., casas de banho públicas), a própria linguagem e terminologia dicotómica que utilizamos (e.g. falta de termos neutros) e a dificuldade de alteração de dados pessoais nos documentos oficiais, por ora ainda dependentes de morosos processos de psiquiatrização e patologização.

Um relatório recente (European Union Agency for Fundamental Rights, 2009) relativo à situação social na União Europeia menciona um questionário do Eurobarómetro realizado em 2008 onde era perguntado às pessoas “como se sentiria tendo uma pessoa gay ou lésbica como vizinha?”, variando as respostas atitudinais numa escala entre 1 (muito desconfortável) e 10 (muito confortável). Na sua generalidade (27 países da UE) 67% das pessoas afirmam sentir-se bastante confortáveis (com respostas variando de 7-10). A Suécia (9,5), a Dinamarca (9,3), a Holanda (9,3) e o Luxemburgo (9,2) surgem como países com maior aceitação de gays e lésbicas; enquanto que a Letónia (5,5), a Bulgária (5,3) e a Roménia (4,8) aparecem como os de menor aceitação. As respostas relativas a Portugal situaram-se nos 6,6. De acordo com os resultados do Eurobarómetro, em média, os homens são mais negativos que as mulheres e gerações mais velhas são mais negativas que as mais novas. Pessoas com menores níveis de escolaridade e pessoas com identidade política de direita posicionam-se também de forma mais negativa face à questão.

É muitas vezes a violência simbólica (Bourdieu, 1998) que Carneiro (2009) refere traduzir-se na recusa de uma existência válida às pessoas LGBTQ, invisibilizando-as. A reapropriação e resignificação do(s) espaço(s) público(s) surge como ação necessária à visibilidade. A um pluralismo de vozes e singularidades que nos tornam a todos/as pessoas. Nesse sentido, é também imperativo um olhar que não negligencie uma análise crítica que tenha em linha de conta contextualizações e explicações históricas, sociais, culturais e políticas (ver por exemplo Kitzinger, 1996).

Richardson (2000) ao denunciar o carácter normativo da heterossexualidade, evidencia-a como sistema de normas e práticas institucionalizadas e privilegiadas, que ocupa por isso,

um lugar central de análise no que diz respeito à opressão de pessoas não heterossexuais (lésbicas, gay, bissexuais, trans, intersexos, *queer* e outros/as) Esta heterossexualidade institucionalizada é, como explica Katz (2007), uma combinação/disposição histórica dos sexos e prazeres que constrói uma ética heterossexual reguladora de todos/as nós Desta forma, o problema da heterossexualidade continua por problematizar, assumindo -se sempre como categoria e estrutura de poder dominante que é privilegiada, normalizada e, em última análise, esquecida

De facto, uma das estratégias mais utilizadas por pessoas não heterossexuais por forma a evitar a discriminação passa pela invisibilidade em vários contextos (European Union Agency for Fundamental Rights, 2009) Esta invisibilidade funciona como adaptação forçada a estruturas e contextos fortemente heterossexistas que exercem a sua violência – simbólica ou declarada, implícita ou explícita – sobre qualquer pessoa que se desvie dos limites impostos pela hegemonia heterossexual Como refere Schneider (2009) a análise à produção de identidades e culturas heterossexuais, incluindo os seus efeitos *genderizados* é essencial para que possamos começar a mapear os contornos da heteronormatividade Contudo, e como continua Schneider (2009), há que saber destringir os conceitos de heterossexualidade e heteronormatividade, no sentido de que para compreender este último, é necessário compreender também as formas pelas quais alguns corpos, pessoas, práticas e normas sofrem um processo de naturalização em detrimento de outros/as géneros, formas, corpos, ou expressões não normativas – o que Halberstam (2005) chama de *queer ways of life*.

Segundo Ingraham (2006) até à data ainda não conseguimos determinar com eficácia se o que é considerado ser género ou comportamento(s) genderizado(s) sequer existe sem ser na sua relação com a instituição heterossexualidade – constituída enquanto regime político (Wittig, 1980) Assim, se a âncora do imaginário heterossexual for retirada, conseguimos perceber que o género quer a sexualidade como variáveis históricas e constantemente mutáveis ao longo de toda a vida (Ingraham, 2006)

Nos últimos anos começou -se a conceptualizar, em áreas de investigação como a psicologia, o preconceito anti-trans (trans géneros e transsexuais) (Hill & Willoughby, 2005) Hill (2002), através de um trabalho de análise à comunidade trans sugeriu a existência de três conceitos chave que podem ser utilizados para conceptualizar a aversão face a pessoas trans: transfobia, genderismo (*genderism*) e ataques verbais/insultos de género

Transfobia é uma aversão emocional face a pessoas que não se conformam às expectativas sociais de género – similar à homofobia – medo ou aversão a homossexuais (Weinberg, 1972), a transfobia envolve sentimentos de repulsa face a mulheres percebidas como masculinas, homens percebidos como femininos, travestis e *crossdressers*, transgéneros e/ou transsexuais Especificamente, a transfobia manifesta -se pelo medo pessoal de que pessoas conhecidas possam ser trans ou repulsa por encontrar uma pessoa trans Note -se que o uso do sufixo “fobia” não implica que uma pessoa transfóbica sofra de reacções fóbicas no sentido clínico do termo; bem como não implica que a pessoa em causa sofra

de qualquer perturbação clínica. O sufixo é utilizado no sentido de implicação de um medo ou ódio irracionais face a estas pessoas, e que é parcialmente perpetrado por uma ideologia cultural.

O *genderismo* é uma ideologia que reforça uma apreciação/avaliação negativa de não-conformidade de género, ou de uma incongruência entre sexo e género. É uma crença cultural que perpetua julgamentos negativos acerca de pessoas que não se apresentam como mulheres/homens estereotípicos. Pessoas *genderistas* acreditam que as pessoas que não se conformam com as expectativas socio-culturais de género são patológicas. Paralelamente ao heterossexismo, Hill & Willoughby (2005) propõem que o *genderismo* é causador quer de opressão social quer de uma forma de vergonha psicológica, uma vez que pode ser imposto a uma pessoa, mas também, por outro lado, a pessoa pode internalizar estas crenças. O ataque/insulto de género (*gender bashing*) refere-se à perseguição/hostilização a pessoas que não se conformam às normas de género (Wilchins, 1997). Desta forma, enquanto o *genderismo* reflecte uma vasta ideologia cultural negativa, a transfobia, a aversão e o medo emocional, a hostilização de género manifesta-se em actos de violência (Hill, 2002).

Como Massey (2009), consideramos que a crescente complexidade em termos dos discursos sociais e políticos em torno do estatuto das minorias sexuais, assim como a complexidade em termos de atitudes individuais face a pessoas LGBTQ, sugerem a necessidade de novas abordagens psicométricas para que se possa aceder às manifestações modernas e pós-modernas do preconceito sexual. Estas manifestações, por serem muitas vezes menos explícitas e mais subtis, carecem de uma abordagem e explicitação holística e polimorfa (Massey, 2009) que reflecta e questione acerca das causas, consequências e implicações políticas, sociais e culturais que as discriminações conferem. Se, como argumenta Warner (1993), a heterossexualidade é produzida como dominante, sistemática, garantida e uni-versalizada, conforme Richardson (2005) tem vindo a demonstrar, os próprios conceitos de cidadania e existência social funcionam como uma forma de regulação hegemónica (hetero)sexual e as abordagens e trabalhos que descurem as implicações políticas face às construções das discriminações estarão a ser, necessariamente redutores.

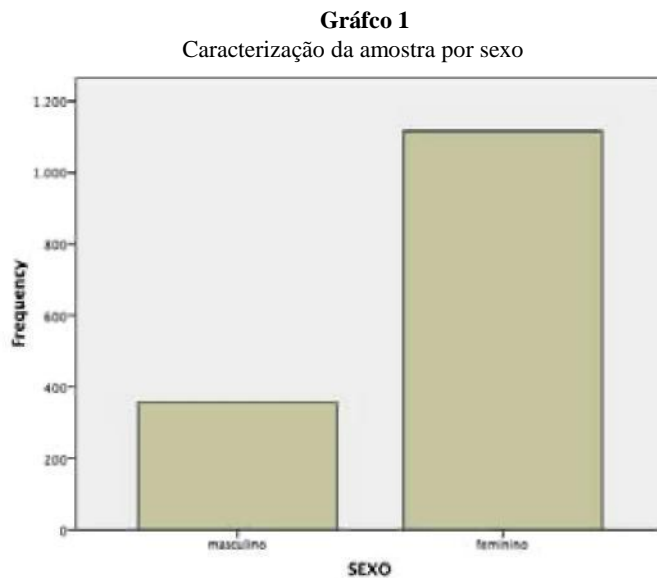
Importa agora, antes de iniciarmos a introdução metodológica e apresentação do estudo referir que o presente capítulo diz respeito a dois objectivos concretos da investigação realizada:

- O primeiro objectivo pressupunha captar as representações sociais sobre as pessoas LGBT e indagar sobre a existência de uma hierarquização nas percepções de discriminação de distintos públicos-alvo consoante o Artigo 13º da Constituição da República Portuguesa.
- O segundo objectivo pressupunha conhecer os contextos sociais que promovem e facilitam o aparecimento de fenómenos como a homofobia, transfobia, crimes e discursos de ódio relacionados com a orientação sexual e identidade de género.

Método

Caracterização da amostra

Este estudo foi respondido por 1 498 pessoas, com uma média etária de 32 anos (DP=10) Em termos de pertença a grupos de sexo 359 (24,0%) afirmam pertencer ao sexo masculino, e 1 116 (74,5%) afirmam pertencer ao sexo feminino, como se pode ver no gráfico 1 344 dessas pessoas identificam-se como homens (23,5%) e 1 119 (74,7%) identificam-se como mulheres Apenas 2 pessoas (0 1%) se identificaram como transgéneros



Este estudo, foi dirigido especificamente a pessoas que se identificassem como heterossexuais, pelo que 1 418 dos/as respondentes se identificavam nesta categoria (94,7%) Ainda assim, 80 pessoas (5,2%) que responderam ao questionário e se identificavam nesta categoria confessaram outras identidades em termos de orientação sexual que não exclusivamente heterossexuais

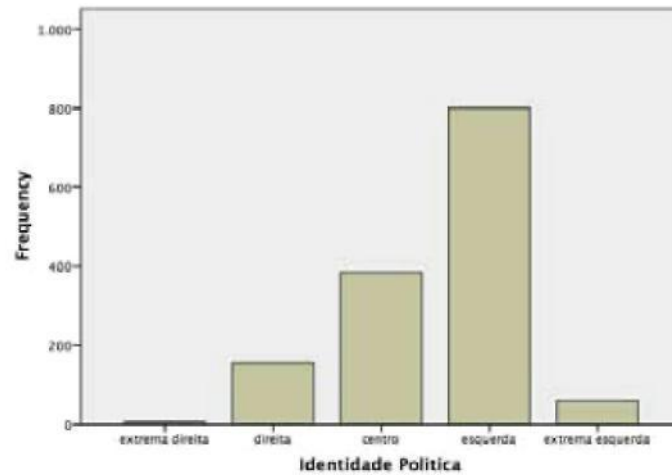
Relativamente a identidade política, 801 pessoas (53%) afirmam ser de esquerda, 155 (10,3%) de direita, e 385 (25,7%) identificaram-se como sendo de centro Só 6 pessoas (0,4%) se identificou como sendo de extrema direita, e 60 pessoas (4,0%) identificam-se como extrema esquerda (ver gráfico 2)

Dos/as nossos/as participantes, 815 (54,4%) possuem uma Licenciatura ou um Bacharelato e 397 (26,5%) possuem grau de Mestre ou Doutorada/a 188 dos/as participantes possuem o Ensino Secundário, e somente 10 pessoas (0,7%) possuem o Ensino Unificado (7º, 8º e 9º anos de escolaridade)

Na nossa amostra, 341 (22,8%) pessoas afirmam ter religião, e 1 135 (75,8%) dizem que não possuem religião. Contudo, na pergunta seguinte, com a listagem de possibilidades de

Gráfico 2

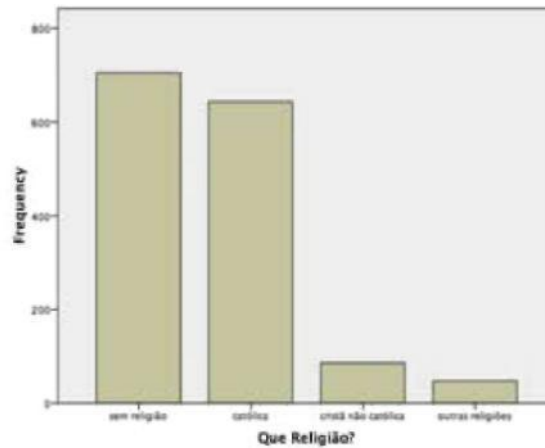
Frequências relativas à identidade política



identificação religiosa, 705 pessoas afirmam não ter qualquer identidade religiosa (47%) e 643 (42,9%) afirmam-se Católicas. A aparente contradição pode ser explicada por pessoas que apesar de terem tido uma educação sob a alçada de uma determinada religião, não possuem essa identidade, embora a reafirmem num processo de caracterização. 86 (5,7%) participantes identificam-se enquanto Cristãs(ãos) Não Católicas (os), e 48 (3,2%) pessoas identificam-se ainda com “outras religiões”. (ver gráfico 3)

Gráfico 3

Frequências relativas à identidade religiosa



Já no que diz respeito à identidade étnica dos/as participantes, e recorrendo à codificação das respostas abertas, a esmagadora maioria dizem -se brancos/as (87,4%) Quanto à nacionalidade, 95,5% da amostra tem nacionalidade portuguesa Em termos da naturalidade, a sua distribuição evidência que a maioria é da Área Metropolitana de Lisboa (419), patente na tabela 3

Tabela 3
Área de residência das pessoas inquiridas

	Frequências	%
Norte	369	24,6
Centro	243	16,2
Sul	87	5,8
AMLisboa	419	28,0
AMPorto	149	9,9
Ilhas	111	7,4
Estrangeiro	101	6,7
Tot a l	1 479	98,7

No plano do estado civil, a maioria dos/as inquiridos/as são solteiros/as (874 pessoas), apesar de 184 pessoas viverem em união de facto e 307 em regime de casamento III pessoas são divorciados/as e somente 8 são viúvos/as No que toca à parentalidade, 1 082 não têm filhos, o que nos indica que 26,5% (397 pessoas) têm filhos

A grande maioria da nossa amostra (85,6%) afirma ter hábitos de voto, e só 196 pessoas (13,1%) afirma não votar habitualmente

Pretendíamos ainda caracterizar a proximidade entre os/as respondentes com outras pessoas LGBTQ Desta forma verificámos que a maioria dos/as pessoas conhecem ou têm amigos/as gays e lésbicas (85,2%), 53% afirmam ainda ter amigos/as bissexuais, contudo, a maioria das pessoas inquiridas não conhece pessoas transsexuais (88,4%)

Para concluir, a amostra do presente estudo é caracterizada por ser maioritariamente composta por mulheres heterossexuais, urbanas, residentes na área da Grande Lisboa, e cujo nível de escolarização é elevado O método escolhido para o estudo, um questionário aplicado através da internet, teve como limitação uma maior ausência de outros grupos sociais menos escolarizados e mais velhos, de outras zonas do país

Instrumentos

• Escala sobre o artigo 13º da CRP:

Portugal tem no artigo 13º da Constituição da República Portuguesa, um princípio da igualdade que garante a não discriminação legal em função, entre outras categorias, da orientação sexual Diz este artigo:

Artigo 13." Princípio da igualdade

1. Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei.
2. Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual.

Com base neste princípio, e partindo da enumeração dos vários públicos alvo (tabela abaixo) constituintes do artigo 13º da Constituição da República Portuguesa construímos uma escala tipo Likert de 7 pontos e questionámos os/as participantes acerca de: (a) que grupos são mais discriminados em Portugal (onde 1 muito discriminados, e 7 nada discriminados); e (b) que grupos justificam ser alvo de discriminação (onde 1 justifica ser discriminado, e 7 não se justifica ser discriminado) Estas duas formas de medição permitem obter e contrastar informação sobre a percepção de discriminação de grupos sociais e o grau de justificação dessa discriminação

Tabela 4 Públicos alvo do artigo 13º da CRP

1) crianças pobres
2) mulheres
3) homens negros
4) mulheres negras
5) crianças negras
6) homens brasileiros
7) mulheres brasileiras
8) chineses
9) pessoas que não falem português
10) imigrantes
11) não católicos
12) pessoas analfabetas
13) pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade
14) pessoas com profissões desqualificadas
15) pessoas desempregadas
16) pessoas pobres
17) gays
18) lésbicas
19) bissexuais
20) transsexuais
21) ciganos
22) pessoas portadoras de deficiência
23) pessoas de extrema esquerda
24) pessoas de extrema direita

**• Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo –
Lésbicas e Gays (Massey, 2009)**

Para aceder às manifestações modernas e pós-modernas do preconceito são necessárias, como nota Massey (2009) novas abordagens psicométricas capazes de captar quer a complexidade emergente de discursos sociais e políticos sobre as minorias sexuais, quer a maior complexidade em termos das atitudes individuais face a não heterossexuais. Igualmente, como no caso do sexismo, que se demonstrou ser multidimensional. Por exemplo, a proposta de Glick & Fiske (1997) que consiste na medição de duas formas de sexismo independentes entre si: o sexismo benevolente, que implica uma visão positiva das mulheres, mas acompanhada por uma visão tradicional acerca do que é adequado para as mulheres; e o sexismo hostil, que implica uma visão fundamentalmente negativa das mulheres e o apoio a medidas de restrição da esfera de actividade das mulheres.

Este questionário consiste, por isso, numa medida multidimensional do preconceito sexual, e foi desenvolvido no sentido de aceder à complexidade crescente das atitudes de heterossexuais face a pessoas gay e lésbicas.

A previsão principal – que foi confirmada – é que o preconceito sexual será melhor representado através de um modelo multidimensional. Uma análise factorial exploratória e confirmatória revela que o questionário não contraria os pressupostos psicométricos da validade, consistência interna e da fabilidade, sendo esta uma medida que compreende 7 factores distintos. Ainda, a análise factorial confirmatória demonstra que o modelo de 7 factores adequa-se melhor e é mais explicativo (por comparação a um modelo único) da ampla variedade do preconceito sexual (Massey, 2009). Abaixo, seguem os 7 factores discriminados com breve explicação conceptual de cada um, bem como a discriminação do devido valor do alpha de Cronbach.

- 1) heterossexismo tradicional – avaliação de pessoas gay e lésbicas como imorais, pecadoras ou pervertidas, e a crença de que determinados direitos e privilégios lhes devem ser negados (95);
- 2) tendência para negar contínua discriminação homofóbica – implica crenças de que a discriminação anti-gay já não é um problema actual. Crenças de que pessoas gay e lésbicas têm iguais oportunidades de progresso e que as suas reivindicações igualitárias são injustificáveis (83);
- 3) aversão face a gays (90);
- 4) aversão face a lésbicas (88) – os factores 3 e 4 compreendem reacções afectivas, incluindo a necessidade de evitar contacto, desconforto com o eventual contacto, e críticas à performatividade de género destas pessoas;

- 5) julgamentos do valor do movimento gay/lésbico – diz respeito a crenças ancoradas em valores pró-diversidade, tais como os de que os objectivos e metas do movimento LGBTmelhoram a sociedade no seu todo, e que a homossexualidade representa uma qualidade especial que deveria ser encorajada (na perspectiva da diversidade) (94);
- 6) resistência à heteronormatividade – representa sentimentos de desconforto para com a heteronormatividade/necessidade de resistir a papéis e comportamentos sexuais e de género estereotipados e tradicionais Crenças de que sexo e género transcendem a simplista definição binária, e consciencialização e desconforto com os privilégios que são dados aos heterossexuais num mundo heteronormativo (90);
- 7) adesão a crenças positivas acerca de pessoas gay – adesão a uma variedade de carac-terísticas positivas ou *insights* únicos que são consequência ou de se ser gay/lésbica, ou de se ser posicionado nas margens de uma sociedade heteronormativa (86)

Os resultados sugerem que as medidas unidimensionais de preconceito sexual que acedem a atitudes exclusivamente dentro da dimensão hostilidade–tolerância – tal como a escala *Attitudes Toward Lesbian and Gay* (ATLG; Herek, 1984, 1987a, 1987b, 1988, 1994) podem explicar adequadamente o conteúdo encontrado apenas no primeiro factor: heterossexismo tradicional Estes 7 factores potenciam o nosso conhecimento para explorar atitudes anti e pro-gay para além de uma dimensão simples como hostilidade-tolerância

Relativamente aos valores médios de cada sub-escala temos na tabela abaixo (e tendo em conta que quão maior o valor mais negativa a atitude)

Tabela 5

Valores médios das sub-escala da escala de heterossexismo moderno (in Massey, 2009, p 162)

2) negação contínua de discriminação homofóbica	2 35
3) aversão face a gays	2 37
4) aversão face a lésbicas	2 47
1) heterossexismo tradicional	2 68
5) valorização do movimento gay/lésbico	3 07
7) adesão a crenças positivas acerca de pessoas gay	3 45
6) resistência à heteronormatividade	3 87

Relativamente ao heterossexismo moderno, para além do heterossexismo tradicio-nal, os/as participantes podem expressar preconceito em várias formas mais subtis: não reconhecendo valor ou não vendo a necessidade de realização do movimento LGBTQ; rejeitando a noção de que existem qualidades positivas unicamente associadas com pessoas gay; e através da pouca flexibilidade no que respeita a papéis sexuais e de género rígidos,

promotores da heteronormatividade. É claro que algumas pessoas podem ser mais rígidas aos papéis de sexo/género tradicionais por simples conforto ou estilo, bem como haverá sempre pessoas com razões pró-gay/lésbicas para a rejeição de crenças positivas – algumas considerarão que enfatizar quaisquer diferenças entre gays/lésbicas e heterossexuais é à partida uma acção anti-gay; outros vêem a estereotipização de qualquer ordem como algo redutor, e, portanto, hostil. Mas as correlações destes factores com o heterossexismo tradicional sugerem que tais factores são indicadores subtis/implícitos úteis de atitudes pró/anti-gay.

Tal como outras formas de preconceito moderno, a tendência para negar que a discriminação contra gays e lésbicas continua a ser um problema na sociedade foi independente das medidas de heterossexismo tradicional.

As sub-escalas de aversão face a gays e lésbicas correlacionaram -se com a de heterossexismo tradicional (e ao mesmo tempo mantiveram entre si um bom grau de independência), conseguindo captar de forma adequada nos/as participantes o desconforto e necessidade de evitar contacto com gays e lésbicas – sendo ao mesmo tempo sensíveis ao género dos/as participantes e contacto intergrupar, parecendo ter também alguma ligação com os itens que criticam a performatividade de género – o que sugere uma ligação entre o processamento esquemático de género (Bem, 1981) e aversão heterossexista, sendo consistente com teorizações iniciais (Weinberg, 1972) acerca de homofobia (Massey, 2009; ver também Herek, 1996, 2009).

Pelas suas qualidades psicométricas e pela possibilidade de aceder a manifestações tradicionais e modernas de heterossexismo, a Escala do Preconceito Polimorfo (Massey, 2009) foi utilizada no presente estudo.

• **A Escala de discriminação face a *crossdressers*, travestis, transgéneros e transsexuais (Hill & Willoughby, 2005)**

Este questionário consiste numa medida multidimensional que pretende aceder à complexidade das atitudes de heterossexuais face a transgéneros e transsexuais, mas também a *crossdressers* e travestis, tendo em linha de conta três conceitos: Transfobia, Genderismo e *Gender Bashing* (ataques ou insultos em função do género ou expressão de género). A resposta é feita numa escala tipo Likert de 7 pontos (1=concordo totalmente; 7= discordo totalmente). Iniciou -se o desenvolvimento de um questionário que acedesse a estes três conceitos – transfobia, genderismo e ataques/insultos de género. O desenvolvimento desta escala permitiu desde logo algumas evidências preliminares no que se refere a propriedades psicométricas da escala, nomeadamente em termos de fidelidade e de validade.

Em termos de fidelidade, para estimar a consistência interna dos itens que não foram retirados da escala por terem baixos níveis de saturação, foi calculado um coeficiente alpha (α) para cada sub-escala. De forma geral, nas sub-escalas os valores de alpha foram muito bons: 94 para a de transfobia, 83 para a de genderismo, e 79

para a de ataque/insulto de género O coeficiente dado para o total de itens (32), foi assim, também, elevado: 95

Em termos de validade, uma das estimativas preliminares da validade desta escala seria a capacidade de detectar as (conhecidas) diferenças de género nas atitudes face a pessoas trans (Hill & Willoughby, 2005) Consistentemente com estas expectativas, um teste de diferenças de género em cada uma das três sub-escalas demonstra resultados significantes em cada uma das dimensões, com os homens a reportar maior genderismo ($M= 33.4$, $DP=11.4$) que as mulheres ($M= 25.5$, $DP= 9.7$); $t(225)= 5.37$, $p=.0001$; mais transfobia ($M= 43.2$, $DP= 17.9$) que as mulheres ($M= 28.8$, $DP= 14.4$), $t(225) = 6.30$, $p= .0001$; e mais ataques/insultos de género ($M= 29.3$, $DP= 10.3$) que as mulheres ($M= 20.0$, $DP=7.2$), $t(225)= 7.36$, $p= .0001$.

Um teste inicial de validade convergente mostrou que as pontuações da escala GTS (genderism and transphobia scale) se correlacionavam fortemente com homofobia e crenças sobre papéis de género – através de regressões lineares que sugerem que a GTS, a Escala de Homofobia (Wright, Adams, & Bernat, 2002) e a Escala de Crenças sobre Papéis de Género (*Gender Role Beliefs Scale* – GRBS; Kerr & Holden, 1996) medem construtos semelhantes, o que possivelmente pode indicar multicolinearidade das variáveis independentes Por outras palavras, estes resultados sugerem que existe uma validade convergente razoável, em que pontuações da escala GTS se correlacionam com pontuações em testes com construtos similares

A validação da escala e conseqüente estabelecimento de normas foi realizado com uma amostra mais ampla de estudantes universitários/as norte -americanos/as Os resultados anteriores de consistência interna foram confirmados neste estudo, quer das sub-escalas, quer da escala como um todo A análise factorial revelou um resultado bi-factorial forte: (i) genderismo/transfobia e (ii) ataque/insulto de género E possível que, dado a elevada consistência interna para todos os itens da escala GTS (96), haja um único constructo subjacente aos sentimentos anti -trans que tem duas dimensões

Os testes de validade discriminante sugerem que a escala GTS não estava simplesmente a medir auto -estima, orientação de papéis de género ou estratégias positivas de auto -apresentação Os testes à validade discriminante mostraram ainda uma associação moderada da escala GTS com as escalas de homofobia e ideologias de papéis de género

Pelas razões apresentadas e por constituir uma medida fável da transfobia, a escala GTS foi utilizada no presente estudo

• **Escala de atitudes face ao casamento entre pessoas do mesmo sexo (Paz & Galupo, 2009).**

Segundo Paz e Galupo (2009), apesar do casamento entre pessoas do mesmo sexo (CPMS) estar enquadrado nas questões ligadas aos direitos cívicos de mulheres lésbicas e homens gay, as atitudes perante o CPMS não seguem, por exemplo, o mesmo

padrão de atitudes face a legislação anti -discriminação As políticas face ao CPMS serão assim, segundo as autoras (Paz & Galupo, 2009) mais facilmente invocadoras de uma resposta baseada na Moral, e principalmente por indivíduos religiosamente afiliados, que outras leis anti -discriminação envolvendo questões de orientação sexual

O questionário originalmente continha 22 itens (versão final tem 17) que se dirigiam a 11 dimensões separadas relativas ao debate acerca do casamento entre pessoas do mesmo sexo Cada dimensão representava uma questão expressada na literatura actual e/ou nos media: crença no casamento enquanto instituição social; fortalece a família; enfraquece os papéis de género; põe em questão o(s) propósito(s) do casamento; normalização da homossexualidade; assegura direitos cívicos individuais; aspectos financeiros; assegura a liberdade religiosa; relação com crenças religiosas; relação com questões morais; e afirmação de crença no casamento entre pessoas do mesmo sexo Foram incluídas duas questões para contrabalançar cada dimensão – uma representativa de uma atitude pró, outra contra CPMS

Os resultados dos estudos mostraram que esta escala é uma medida robusta, em termos psicométricos, para medir as atitudes de pessoas face ao CPMS Os factores estrutura e fidelidade da escala foram consistentes em todas as amostras dos estudos (Paz & Galupo, 2009) Em termos de consistência interna, para amostras de mulheres, homens e mistas, os valores de alpha de cronbach foram 96, 97, e 96 respectivamente A validade de constructo também foi demonstrada através das elevadas correlações dos *scores* com os da escala de Atitudes face a Lésbicas e Gays (Herek, 1988), sendo que também foram seguidos os padrões correlacionais previstos com determinados dados demográficos como a religiosidade, nível educacional e conservadorismo político Tal como era esperado pelas autoras (Paz & Galupo, 2009) em termos de género, as mulheres ($M= 66.57$, $DP= 17.40$) demonstraram atitudes mais positivas que os homens ($M= 55.96$, $DP = 20.38$), $t(465)= 4.90$, $p < .001$ face ao CPMS, e atitudes mais positivas relacionavam -se com maiores níveis de educação Por outro lado a religiosidade e o conservadorismo político correlacionaram- se negativamente com as atitudes face ao CPMS Também, como esperado, os homens ($M= 22.87$, $DP = 11.04$) também mostraram significativamente atitudes mais negativas face a gays e lésbicas que as mulheres ($M= 18.86$, $DP= 9.48$), $t(465)= 3.41$, $p < .001$

A medição das atitudes em relação ao casamento entre pessoas do mesmo sexo tem a vantagem de permitir entender o modo como este assunto, presentemente discutido na esfera pública portuguesa, é pensado pelas pessoas inquiridas para este estudo Pela qualidade métrica da medida e pela pertinência da questão para o contexto actual, utilizámos esta escala

PROCEDIMENTO

Neste estudo optámos pelo recurso a questionários *online*, sendo esta forma de procedimento uma estratégia cada vez mais usada nas Ciências Sociais, e nomeadamente

no que se refere a estudos sobre pessoas LGBT (Hash & Spencer, 2009) Algumas das razões apontadas dizem respeito à eficiência na recolha dos dados, permitindo estudos com amostras muito superiores, bem como uma acessibilidade a pessoas fora dos grandes centros urbanos Iguualmente do ponto de vista dos temas, a internet surge como plataforma adequada para tratar de temas de natureza eventualmente sensível para alguns/umas participantes, precisamente por manter uma percepção de anonimato total, o que pode ser facilitador das respostas

Trata-se, assim, de uma solução para estudos que pretendam obter grandes amostras e permite igualmente um recrutamento mais eficaz de pessoas que não estejam ao alcance dos/as investigadores/as, promovendo uma participação mais alargada

Este tipo de pesquisa é afectada por outras fontes de erro, como a possibilidade de a mesma pessoa responder mais do que uma vez Contudo é também possível com um número elevado de perguntas (como fizemos) desencorajar este tipo de participação múltipla e se a pessoa responde sempre da mesma maneira a todas as perguntas é possível eliminar as respostas repetidas da base de dados Por outro lado, estas fontes de erro são também muito afectadas pela dimensão da amostra, dado que tais ocorrências devem ter uma frequência muito elevada para influírem estatisticamente no resultado final

Análise de Imprensa

Foi ainda utilizada, de forma a melhor responder aos objectivos propostos, uma análise quantitativa da imprensa portuguesa durante o ano de 2009, que teve por fim perceber o modo como esta retratou as pessoas LGBT em Portugal, durante a primeira metade do ano de 2009

Resultados

ESCALA ARTIGO 13º DA CRP

Sendo uma escala que contempla grupos/categorias abrangidas pelo “princípio da igualdade”, espera-se à partida uma elevada percepção de discriminação relativamente a grande parte deles/as Através de uma análise às estatísticas descritivas (ambas as tabelas abaixo) percebemos claramente que as pessoas mais percebidas como alvo de discriminação são os/as transsexuais Embora o artigo 13º ainda não inclua da “identidade de género”, que permitiria alguma abrangência da protecção legal a pessoas trans – pareceu-nos, também por isso mesmo pertinente incluir esta categoria na análise feita

De facto, as análises descritivas evidenciam que as pessoas percebidas como mais discriminadas por parte dos/as participantes são claramente os/as transexuais

(M=6,37; DP=1,02) seguindo -se -lhes a categoria das pessoas ciganas (M=6,06; DP=1,14) sendo as pessoas não católicas consideradas como as menos discriminadas (M=3,20; DP=1,65) As pessoas gay (M=5,75;DP=1,21) lésbicas (M=5,58;DP=1,25) e bissexuais (M=5,17;DP=1,42) são também consideradas bastante discriminadas, estando no mesmo intervalo de médias ao nível de categorias como as mulheres negras (M=5,62;DP=1,26) as crianças pobres (M=5,18;DP=1,40) ou as pessoas portadoras de defciência (M=5,46;DP=1,36)

27

Tabela 6
Estatísticas descritivas referentes à escala de discriminação em
função do público alvo do Artigo 13º da CRP

Itens	T _n ²⁷	Média	DP
discriminação transexuais	1467	6,37	1,02
discriminação ciganos	1464	6,06	1,14
discriminação gays	1467	5,75	1,21
discriminação mulheres negras	1465	5,62	1,26
discriminação lésbicas	1467	5,58	1,25
discriminação crianças pobres	1472	5,48	1,40
discriminação pessoas portadoras de defciência	1465	5,46	1,36
discriminação homens negros	1470	5,45	1,20
discriminação crianças negras	1465	5,25	1,38
discriminação pessoas pobres	1463	5,18	1,40
discriminação bissexuais	1464	5,17	1,42
discriminação mulheres brasileiras	1464	5,05	1»47
discriminação imigrantes	1467	4,98	1,35
discriminação chineses	1467	4,88	1,37
discriminação pessoas analfabetas	1465	4,67	1,56
discriminação pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade	1465	4,66	1,52
discriminação pessoas com profssões desqualificadas	1466	4,63	1»45
discriminação homens brasileiros	1468	4,63	1»47
discriminação mulheres	1472	4,58	1,44
discriminação pessoas que não falam português	1467	4,35	1»54
discriminação pessoas desempregadas	1469	4,26	1,52
discriminação pessoas extrema direita	1464	4,00	1,69
discriminação pessoas de extrema esquerda	1460	3,81	1,61
discriminação não católicos	1465	3,20	1,65

Relativamente à justificacao de discriminacao para estas categorias, é natural que os valores se assumam elevados (quanto maior o valor, menor a justificacao da discriminacao), dada a deseabilidade social de se apresentarem como não preconceituosos/as As mulheres

²⁷ N refere-se à dimensão da amostra

são o grupo sob o qual as respondentes afirmam ser menos justificada a discriminação (M=6,89; DP= 667), seguindo-se-lhes as crianças pobres (M=6,87; DP= 772) e as pessoas pobres (M=6,84; DP= 774) Embora com pouca diferenciação em termos de médias, no que toca às questões de orientação sexual e identidade de género, as respostas mostram que a discriminação se justifica menos para as lésbicas (M=6,72; DP= 924), seguindo-se os gays (M=6,70; DP= 997), bissexuais (M=6,69; DP= 997), e por fim as pessoas transexuais (M=6,56; DP=1 17) As pessoas consideradas pelos/as nossos/as participantes como perante as quais a discriminação mais se justifica (ainda que com médias relativamente altas, tendo em conta que o ponto médio da escala de resposta é 4) estão as pessoas ciganas (M=5,91; DP=1 69), as pessoas desempregadas (M=5,91; DP=1 69), e no topo, as pessoas de extrema direita (M=5 06 ; D P=2 28)

Tabela 7

Estatísticas descritivas referentes à escala de pessoas que merecem discriminação em função do público alvo do Artigo 13º da CRP

Itens	N	Média	DP
mulheres	1465	6,89	,667
crianças pobres	1464	6,87	,712
peçoas pobres	1457	6,84	,746
não católicos	1457	6,82	,802
crianças negras	1457	6,80	,866
mulheres negras	1463	6,75	,896
peçoas portadoras de deficiência	1459	6,72	,929
lésbicas	1459	6,72	,924
homens negros	1462	6,72	,933
peçoas que não falam português	1461	6,71	,883
gays	1459	6,70	,991
peçoas analfabetas	1459	6,70	,991
bissexuais	1456	6,69	,991
peçoas pouco escolarizadas	1456	6,69	,991
imigrantes	1461	6,65	,990
transexuais	1459	6,56	1»17
peças com profissões pouco qualificadas	1459	6,56	1»17
homens brasileiros	1457	6,55	1,12
mulheres brasileiras	1460	6,52	1,14
chineses	1458	6,48	1»17
peçoas de extrema esquerda	1460	6,01	1,66
ciganos	1461	5,91	1,69
peçoas desempregadas	1461	5,91	1,69
peçoas de extrema direita	1459	5,06	2,28

Através de uma análise factorial²⁸ em componentes principais com rotação V A R I M A X (K M O = 89 9, $p < 000$), a que submetemos a escala relativa à percepção de discriminação, as variáveis agruparam-se em dois factores – o primeiro ligado a grupos sociais como sexo, identidade sexual e étnica; o segundo referente a questões de ordem mais de classe social ou orientação política Apesar de 3 itens apresentarem *loadings* pouco elevados em ambos os componentes optámos por não os retirar

Tabela 8
Factorizações dos itens referentes à escala de pessoas discriminadas

Va r i á v e i s	1	2
Alfa de Cronbach	.903	.856
discriminação gays	.768	.023
discriminação lésbicas	.764	.067
discriminação mulheres negras	.699	.291
discriminação bissexuais	.693	.028
discriminação homens negros	.688	.282
discriminação transexuais	.678	.044
discriminação mulheres brasileiras	.647	.211
discriminação crianças negras	.623	.353
discriminação homens brasileiros	.596	.289
discriminação imigrantes	.588	.361
discriminação chineses	.570	.264
discriminação ciganos	.565	.220
discriminação mulheres	.484	.372
discriminação pessoas que não falam português	.481	.281
discriminação não católicos	.384	.273
discriminação pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade	.087	.871
discriminação pessoas analfabetas	.085	.846
discriminação pessoas com profissões pouco qualificadas	.172	.828
discriminacao pessoas desempregadas	.208	.768
discriminacao pessoas pobres	.236	.755
discriminacao crianças pobres	.170	.550
discriminação pessoas portadoras de deficiência	.350	.477
discriminação pessoas de extrema esquerda	.343	.345
discriminacao pessoas extrema direita	.206	.233
Varia^ao Total Explicada= 47,01%	36,33%	10,68%

Cruzando estas variáveis com os grupos de sexo foi possível perceber que as mulheres, quando em comparação aos homens percebem quase todas as categorias

²⁸ A análise factorial diz respeito à escala de pessoas discriminadas A escala relativa à justificação de discriminação não foi alvo de análise factorial por violar os pressupostos psicométricos da mesma

como mais discriminadas, evidenciando maior sensibilidade ou atenção a questões de discriminação. Assim, as mulheres, mais que os homens, percebem maior discriminação relativamente às categorias “mulheres” $t(1461) = -5,321 < 001$; homens negros $t(1459) = -3,056 < 005$; mulheres negras $t(1454) = -4,472 < 001$; crianças negras $t(1454) = -2,380 < 05$; mulheres brasileiras $t(1453) = -4,823 < 001$; homens brasileiros $t(571,657) = -2,350 < 05$; imigrantes $t(579,533) = -2,649 < 05$; pessoas com profissões desqualificadas $t(566,532) = -3,066 < 005$; pessoas desempregadas $t(553,499) = -3,164 < 005$; lésbicas, $t(1456) = -8,275 < 001$; gays $t(1456) = -4,326 < 001$; transexuais $t(1456) = -3,438 < 005$; e pessoas portadoras de deficiência $t(553,833) = -3,331 < 005$. Em contrapartida os homens, a única categoria que percebem como mais discriminada, por comparação às mulheres é a das “pessoas de extrema direita” $t(1493) = 2,481 < 05$, que é por si mesma uma categoria no geral vista como “pouco discriminada”. Este resultado faz-nos crer que os homens, por estarem socialmente numa categoria de gênero construída como mais próxima da norma de pessoa (Amâncio, 1994), e sendo menos alvo de discriminação, acabam por estar menos atentos e menos sensíveis do que as mulheres, grupo por si só discriminado.

Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo face a Lésbicas e Gays

Esta é uma medida multidimensional do preconceito sexual, desenvolvida no sentido de aceder à complexidade crescente das atitudes de heterossexuais face a pessoas gay e lésbicas. Neste sentido, a apresentação das estatísticas descritivas e gráficos de médias referentes a este questionário serão divididas pelas sub-escalas apresentadas na original. O questionário é avaliado numa escala de medida tipo Likert de cinco pontos, onde para efeitos de valores médios de cada sub-escala, quanto maior o valor mais negativa é a atitude, à exceção das escalas “positivas” (i.e. escalas que não contêm itens negativos) – são elas: Valorização de Processos Gays e Lésbicos; Crenças Positivas e Resistência à Heteronormatividade.

Heterossexismo Tradicional

A primeira sub-escala é conceptualizada como referente a noções de heterossexismo tradicional – referindo-se à avaliação de pessoas gay e lésbicas como imorais, pecadoras ou pervertidas, e a crença de que determinados direitos e privilégios lhes devem ser negados.

Através da análise estatística descritiva (tabela abaixo) percebemos que tendencialmente as respostas médias são no sentido de contrariar os pressupostos mais explícitos do que é definido conceptualmente como heterossexismo tradicional. Ou seja, na amostra, parece haver uma tendência para a concordância com afirmações que apelam à igualdade moral da homossexualidade relativamente à heterossexualidade.

(M=4,31; DP=1,09); à não condenação da homossexualidade masculina (M=4,32; DP=1,08); à importância da honestidade de gays e lésbicas face aos seus sentimentos e desejos (4,71; DP= 65); e a questões de expressão natural da homossexualidade (M=3,88; DP=1,20) Existe ainda concordância com o facto de que se duas pessoas se amam não deve importar o seu género (M=4,62; DP=,89) ou favorabilidade face à possibilidade de casais do mesmo sexo poderem adoptar crianças (M=3,70; DP= 1,43)

Tabela 9
Estatísticas descritivas da sub-escala heterossexismo tradicional

Itens	N	Média	DP
A homossexualidade feminina é um pecado	1471	1,1944	,63481
A homossexualidade é um estilo de vida moralmente igual à heterossexualidade*	1473	4,3143	1,09640
Comportamentos homossexuais entre dois homens é algo que simplesmente está errado	1466	1,3793	,85507
Se duas pessoas realmente se amam não deve importar se são homem e mulher, dois homens ou duas mulheres*	1472	4,6236	,89621
A homossexualidade masculina é uma perversão	1471	1,3032	,77844
O crescente número de mulheres lésbicas é um indicador do declínio da moral na nossa sociedade	1473	1,3347	,79314
A homossexualidade masculina é apenas um estilo de vida diferente que não deve ser condenado*	1466	4,3226	1,08932
Se um homem tem sentimentos homossexuais deverá fazer de tudo para os ultrapassar	1480	1,4324	,85975
É importante para gays e lésbicas serem honestos para com os seus sentimentos e desejos*	1481	4,7151	,65952
A ideia de casamento entre pessoas do mesmo sexo parece-me ridícula	1477	1,5870	1,10495
Por si só a homossexualidade feminina não é um problema, o problema é o que a sociedade pode fazer dela*	1464	3,7848	1,20071
Tal como noutras espécies, a homossexualidade masculina é uma expressão natural da sexualidade nos homens (humanos)*	1471	3,8579	1,20410
As leis que regulam o comportamento sexual privado e consentido entre duas lésbicas devem ser menos restritivas*	1447	3,8777	1,19223
As lésbicas são doentias	1472	1,2228	,62299
A homossexualidade feminina põe em causa o resto da sociedade uma vez que quebra com a divisão natural entre os sexos	1472	1,3743	,83220
Casais homossexuais masculinos devem poder adoptar crianças da mesma forma que os casais heterossexuais o podem*	1485	3,7024	1,43137
A homossexualidade feminina é uma ameaça a várias das nossas instituições sociais básicas	1469	1,2995	,73461
Homens homossexuais não devem poder ensinar nas nossas escolas	1471	1,1536	,54165
A homossexualidade feminina é uma forma inferior de sexualidade	1487	1,2535	,72978

Negacao da discriminacao homofóbica

A segunda sub-escala, é referente à tendência para negar a contínua discriminacao homofóbica, ou seja, visa medir as crenças de que a discriminacao anti -LGBTjá não é um problema actual Assim estas crenças assentam no pressuposto de que pessoas gay e lésbicas tern oportunidades iguais de progresso e que as suas reivindicacoes igualitárias são injustificáveis

Através da análise ao perfil de médias percebemos que tendencialmente as respostas vão no sentido do igualitarismo, em que gays e lésbicas e pessoas heterossexuais deverão ter igualdade de oportunidades (M= 4,51; DP=1,00), ou no sentido da compreensão de porque é que grupos pelos direitos LGBT ainda estão preocupados com a limitação social de oportunidades (M=4,29; DP=1,01) Pelo contrário, existe pouca concordância relativamente a afirmacoes que negam a discriminação de pessoas gay e lésbicas de forma geral (M=1,75; DP=,88) e de forma particular em Portugal (M=1,56; DP=,81) De forma geral, as pessoas não concordam nem discordam da afirmação referente ao facto de gays e lésbicas serem discriminados de forma homofóbica na televisão (M= 2,55; DP=1,12)

Tabela 10
Estatísticas descritivas da sub-escala negação de contínua discriminação

Itens	N	Média	DP
De forma geral, as pessoas na nossa sociedade tratam gays e heterossexuais de forma igual	1472	1,6454	,77560
A maioria dos gays e lésbicas já não são discriminados	1475	1,7532	,88488
A sociedade chegou a um ponto em que pessoas gay e pessoas heterossexuais devem ter iguais oportunidades	1473	4,5078	1,00277
É raro ver gays e lésbicas serem tratados de forma homofóbica na televisão	1474	2,5529	1,12322
A discriminação face a gays e lésbicas já não é um problema em Portugal	1475	1,5634	,81656
É fácil compreender a revolta dos grupos gays e lésbicos no nosso país	1466	3,9816	1,04064
Lésbicas e gays habitualmente perdem bons empregos em função da discriminação que são alvo	1475	3,7932	1,08522
É compreensível porque é que grupos pelos direitos LGBT ainda estão preocupados com a limitação social de oportunidades	1480	4,2872	1,01275
Muitas lésbicas e gays ainda perdem oportunidades de emprego e promocoes devido à sua orientacao sexual	1483	4,1430	1,08159

À semelhança do que acontece na sub-escala anterior, a maioria das pessoas parece posicionar-se de forma algo indiferente face à afirmação de que preferia ter mais amigas lésbicas (M= 3,02; DP=,977) No entanto, e embora a maior parte dos valores médios sejam muito

baixos devido a esta ser também uma escala negativa de aversão face a lésbicas, parece haver um pouco mais de concordância relativamente à afirmação ligada a questões de performance de género – “Preferia que as lésbicas fossem mais femininas” (M= 2,13; DP= 1,11)

Tabela 11
Estatística descritiva da sub-escala aversão face a lésbicas

Itens	N	Média	DP
As lésbicas não são mulheres verdadeiras	1474	1,2585	,67870
Preferia que as mulheres lésbicas fossem mais femininas	1473	2,1290	1,11666
Tento evitar contacto com mulheres lésbicas	1469	1,3213	,71968
Não iria gostar de perceber que estava sozinho/a num determinado sítio com uma lésbica	1477	1,3595	,79040
Gostaria de ter mais amigas lésbicas	1470	3,0184	,97710
Sinto-me desconfortável quando as lésbicas agem de forma masculina	1475	1,6617	1,00817
Acho as mulheres lésbicas nojentas	1488	1,3542	,80112
As mulheres lésbicas não conseguem ser femininas	1479	1,3063	,65611

Julgamentos de Valor do Movimento LGBT

A quinta sub-escala diz respeito a julgamentos do valor do movimento LGBT, medindo crenças ancoradas em valores pró -diversidade que afirmam por exemplo que os objectivos e metas do movimento LGBT melhoram a sociedade no seu todo, ou que a homossexualidade representa uma qualidade especial que deveria ser encorajada (na perspectiva da diversidade)

Sendo uma sub-escala definida de forma positiva, a maioria das respostas afirmam-se acima do ponto médio da escala, demonstrando uma concordância com as afirmações que reflectem ideais pró -diversidade e aceitação – ex: “Se o meu filho me dissesse que pensava poder ser gay eu encorajava -o a explorar esse aspecto de si mesmo” (M=3,71; DP=1,12); e valorizam a cidadania e os direitos de e para pessoas LGBT– ex: “Os avanços conseguidos em relação a direitos civis de gays e lésbicas melhoram de forma geral toda a sociedade” (M= 4,02; DP=1,02) De qualquer modo, não deixa de ser relevante haver uma maior discordância face a itens que afirmam a admiração de gays e lésbicas por viverem em constante adversidade nos planos políticos, sociais e culturais (M=3,09; DP=1,29), ou que reflectem admiração pela força das mulheres lésbicas (M= 3,49; DP=1,26) o que parece sugerir um hiato entre valorização de direitos e valorização de pessoas e reconhecimento de adversidades

Tabela 12
Estatísticas descritivas referentes à sub-escala julgamentos
de valor do movimento Gay e Lésbico

	N	Média	DP
Se a minha filha me dissesse que pensava poder ser lésbica eu encorajava-a a explorar esse aspecto de si mesma	1470	3,6850	1,16366
Se o meu filho me dissesse que pensava poder ser gay eu encorajava-o a explorar esse aspecto de si mesmo	1473	3,7054	1,12534
Vejo o movimento (político/social) gay e lésbico como algo de positivo	1477	3,8673	1,10247
As conquistas que os movimentos pelos direitos civis de gays e lésbicas têm conseguido é algo de admirável	1465	3,9549	,95279
A sociedade melhora com a diversidade oferecida pelas pessoas gays e lésbicas	1468	3,4659	1,21041
Gays e lésbicas devem ser admirados por viverem as suas vidas em constante adversidade (social/política/cultural)	1467	3,0927	1,28784
Os avanços conseguidos em relação a direitos civis de gays e lésbicas melhoram de forma geral toda a sociedade	1470	4,0204	1,02766
Admiro a força das mulheres lésbicas	1483	3,4909	1,25888

Resistência à Heteronormatividade

A sexta sub-escala refere -se a questões de resistência à heteronormatividade. Assim, representa sentimentos de desconforto face a papéis e comportamentos sexuais e de género estereotipados e tradicionais, e a eventual necessidade de resistir aos mesmos Crenças de que sexo e género transcendem a simplista definição binária, e a consciencialização/desconforto com os privilégios que são dados aos heterossexuais num mundo heteronormativo são questões também contempladas nesta sub-escala

Sendo uma sub-escala de resistência à heteronorma, não é estranho que os valores mais elevados se situem próximos do ponto médio da escala, não havendo particular concordância ou discordância por parte dos/as participantes (heterossexuais) face a itens como “Preocupo -me sobre os privilégios que a sociedade me dá/nega em função da minha orientação sexual” (M= 3,22; DP=1,40); ou “Penso que os rótulos homem e mulher não são formas muito úteis de descrever diferenças entre as pessoas” (M=3,27; DP=1,33) Da mesma forma, não é estranho que as respostas que mostram maior discordância estejam relacionadas com sentimentos de restrição face aos rótulos de género (M=1,93; DP=1,24) e orientação sexual (M=1,79; DP=1,98)

Tabela 13
Estatística descritiva referente à sub-escala resistência à heteronormatividade

Itens	N	Média	DP
Sinto-me restringido/a pelo rótulo de género que me aplicam habitualmente	1478	1,9330	1,24200
Sinto-me restringido/a pelo rótulo de orientação sexual que me aplicam habitualmente	1485	1,7993	1,19866
Sinto-me limitado pelos comportamentos sexuais que os outros esperam de mim	1473	2,1582	1,30377
Sinto-me restringido pelas normas e regras da sociedade	1471	2,9742	1,36850
Sinto-me restringido pelas expectativas que as pessoas têm sobre mim em função do meu género	1479	2,3949	1,43025
Preocupo-me sobre os privilégios que a sociedade me dá/nega em função da minha orientação sexual	1475	3,2244	1,40186
Penso que os rótulos homem e mulher não são formas muito úteis de descrever diferenças entre as pessoas	1476	3,2771	1,33979
Acredito que a maioria das pessoas é na sua essência bissexual	1470	2,9395	1,33182

Adesão a Crenças Positivas sobre pessoas LGBT

A sétima sub-escala diz respeito à adesão a crenças positivas acerca de pessoas gay, contemplando assim, a adesão a uma variedade de características positivas ou *insights* lúnicos que são consequência ou de se ser gay/lésbica, ou de se ser posicionado nas margens de uma sociedade heteronormativa

Sendo uma sub-escala que reflecte crenças positivas face a pessoas gay e lésbicas não é completamente estranho que os valores médios mais elevados rondem o ponto de não concordância/não discordância face às afirmações, ou por estas serem estereótipos — ex: “heterossexuais têm algo a aprender com homens gay no que diz respeito à amizade com mulheres” (M=3,28; DP=1,32); ou por simples não reconhecimento ou validação de algumas afirmações — ex: “As lésbicas estiveram na linha da frente no que diz respeito à luta e reconhecimento de direitos iguais às mulheres.” (M=3,11; DP=1,11) Por outro lado, as pessoas mostram também alguma discordância face a itens que afirmam que ser lésbica pode ajudar a tornar uma mulher mais auto-suficiente (M=1,90; DP=1,08) ou independente (M=2,22; DP=1,18)

Tabela 14 positivas
Estatística descritiva referente à sub-escala crenças

Itens	N	Média	DP
Acho que os homens gay são emocionalmente mais disponíveis que homens heterossexuais	1468	2,4428	1,19194
Os homens heterossexuais têm algo a aprender com homens gay sobre relações de amizade com mulheres	1481	3,2883	1,32285
Ser gay pode fazer com que um homem tenha mais compaixão	1471	2,0313	1,13166
Homens heterossexuais têm coisas a aprender com homens gay no que diz respeito a moda	1474	2,6425	1,27394
Homens gay são mais criativos que homens hetero	1470	2,1463	1,15024
Ser lésbica pode tornar uma mulher mais auto-suficiente	1478	1,9026	1,08163
As lésbicas têm muito a ensinar a outras mulheres sobre como ser-se independente	1467	2,2249	1,18419
A condição dos gays e das lésbicas só pode melhorar quando começarem a ocupar posições importantes dentro do sistema	1478	3,3065	1,28271
As lésbicas estiveram na linha da frente no que diz respeito à luta e reconhecimento de direitos iguais às mulheres	1473	3,1100	1,11627
Acho que as lésbicas são emocionalmente mais disponíveis que outras mulheres	1474	2,1431	1,09085

Assim, e através de uma análise factorial²⁹ em componentes principais com rotação VARIMAX (KMO = 944, $p < 000$), agruparam-se as variáveis em sete factores – o que nos levou a retirar alguns itens por estes não factorizarem a níveis que nos parecessem pertinentes. A tabela 13 indica os níveis de alfa referentes a cada factor, sendo que optámos por uma Análise Factorial a 7 componentes à semelhança da escala original (Massey, 2009)

Tabela 15
Alfas referentes a cada factor da escala de Preconceito Polimorfo

	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4	Factor 5	Factor 6	Factor 7
Alfa	.860	.826	.820	.851	.854	.788	.466

Heterossexismo Tradicional

O primeiro factor é aquele que explica 23,4% da variação e é o que diz respeito a itens que conceptualizam questões ligadas ao heterossexismo tradicional, embora alguns itens que factorizaram neste componente venham, por comparação às sub-escalas originais, também das sub-escalas de aversão face a gays/lésbicas – o que em termos teóricos não causa qualquer tipo de constrangimento

Crenças Positivas

O segundo factor, explicativo de 8,9% da variância diz respeito a itens ligados a crenças positivas sobre pessoas gay e lésbicas, conceptualizando características positivas ou *insights*

²⁹ A análise factorial referente aos itens desta escala, pela sua dimensão encontra-se em anexo

linicos que são (vistos como) consequência ou de se ser gay/lésbica ou de se posicionar fora do espectro da (hetero)norma Por razões de natureza psicométrica da consistência interna da escala, o item “Gostaria de ter mais amigos gay” foi retirado do factor

Negacao de Contínua Discriminacao

O terceiro factor diz essencialmente respeito a afirmacoes compreendidas dentro das questões de negação de contínua discriminacao, embora, comparando à escala original, também possua itens referentes a crenças positivas sobre gays e lésbicas Tal como anteriormente, do ponto de vista teórico não existe qualquer problema em que estes itens factorizem no mesmo componente Este factor é explicativo de 5,8% da variância Ainda, por razões de consistência interna da escala os itens “Casais homossexuais masculinos devem poder adoptar crianças da mesma forma que casais heterossexuais”; e “Tal como noutras espécies a homossexualidade masculina é uma expressão natural da sexualidade nos humanos”, foram retirados deste terceiro factor

Resistência à Heteronormatividade

O quarto factor, explicativo de 4,4% da variação é respeitante a itens que reflectem questões ligadas à resistência à heteronormatividade, e conceptualiza sentimentos de desconforto ou necessidade de resistir a papéis e comportamentos sexuais e de género estereotipados e tradicionais; traduzindo crenças de que sexo e género transcendem a simplista definição binária e consciencialização e desconforto com os privilégios que são dados aos heterossexuais num mundo heteronormativo

Valorizacao de Processos de pessoas LGBT

O quinto factor compreende afirmacoes ligadas às questões de Valorizacao de Processos de pessoas LGBT, reflectindo essencialmente ideias e ideais pró -diversidade, e é explicativo de 3,2% da variância

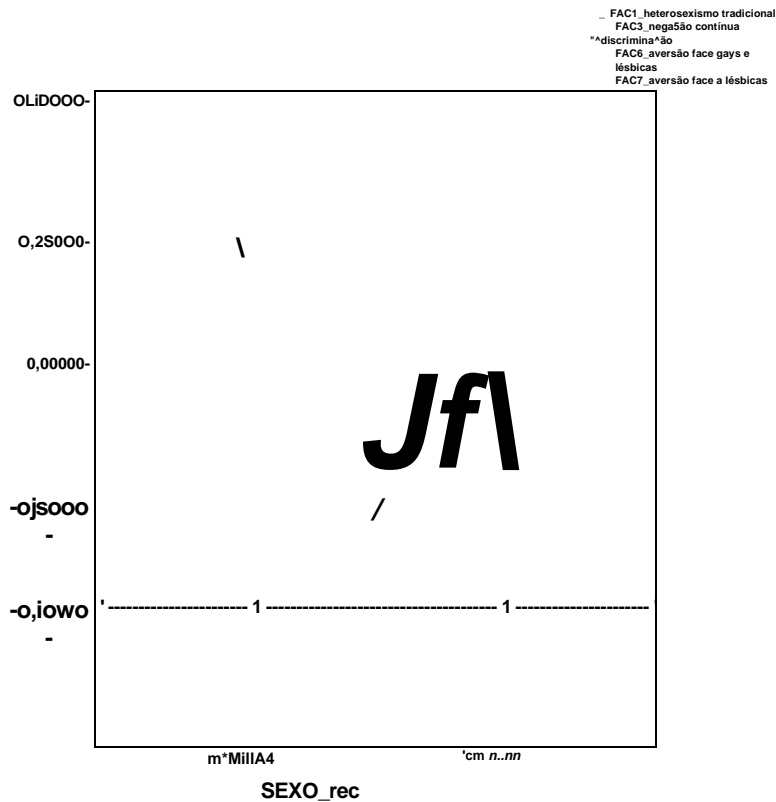
Aversão face a Gays e Lésbicas e Aversão face a Lésbicas

O sexto e sétimo factores explicam, 2,7% e 2,6% da variância, respectivamente, e dizem respeito a itens que se referem a questões de aversão face a gays e lésbicas (6º factor), e aversão específica face a lésbicas (7º factor) Apesar de, transformá -los num só factor poder fazer sentido em termos teóricos, optámos por manter a estrutura factorial a 7 componentes como a escala original

Cruzámos estas variáveis com o sexo Foi possível verificar que homens aderem mais do que as mulheres a crenças, ideias e ideais dentro da conceptualização do heterossexismo tradicional ($t(1261) = 5,778$ $p < 0001$) sendo essa diferença de médias estatisticamente significativa Por outro lado, verifica -se que os homens negam menos

a contínua discriminação do que as mulheres ($t(1261) = -4,225$ $p < 0,001$), e indiciam maior aversão a pessoas gay e lésbicas ($t(1261) = 11,580$ $p < 0,001$). Curiosamente, por outro lado, as mulheres indicam maior aversão exclusivamente face a lésbicas ($t(502,830) = -9,724$ $p < 0,001$). O gráfico 4 ilustra visualmente estes dados

Gráfico 4
Cruzamento dos factores com os grupos de sexo



Concluimos que o género assume aqui importância. Primeiro, no que respeita a questões relativas à norma heterossexista, uma vez que os homens a incorporam de forma mais proeminente do que as mulheres. Segundo, também relativamente às discriminações que são feitas, uma vez que enquanto os homens negam menos a contínua discriminação, discriminam, ao mesmo tempo gays e lésbicas, mais do que as mulheres. Estas últimas, por sua vez, parecem evidenciar uma maior aversão em função da orientação sexual de acordo com o género, uma vez que demonstram maior aversão exclusivamente face a lésbicas.

Na nossa análise, percebemos ainda que as variações nos valores do heterossexismo tradicional são explicadas em 5,3 % ($P = -0,297$ $\pm -8,207$, $\Delta = 0,000$) pela orientação política/posicionamento à esquerda, na medida em que um aumento deste posicionamento parece influenciar a diminuição do heterossexismo tradicional (ver tabela 16).

Tabela 16

Efeito preditor da Orientação política/posicionamento político à esquerda no Heterossexismo tradicional

Preditor	r^2	B	<i>t</i>	F	<i>p</i>
Orientação política	0,053	-0,297	-8,207	67,349	0,000

Quisemos ainda perceber se o contacto com a diversidade influenciava o heteros-sexismo tradicional Para este efeito procedemos à realização de uma regressão linear simples Assim, o contacto com a diversidade sexual demonstrou explicar 4,3% da variacao média da variável dependente heterossexismo tradicional ($\beta=-0,204$, $t=-7,451$, $p=0,000$), de forma estatisticamente significativa

A relação linear negativa que foi estabelecida demonstra que o aumento do contacto com a diversidade sexual influencia a diminuição do heterossexismo tradicional

Tabela 17

Efeito preditor do Contacto com a diversidade sexual no Heterossexismo tradicional

Preditor	r^2	B	<i>t</i>	F	<i>p</i>
Diversidade Sexual	0,043	-0,204	-7,451	55,525	0,000

Também através da nossa análise, o aumento da idade parece influenciar a diminuição da negação face à contínua discriminação, apresentando estes valores significância estatística ($\beta=-0,015$, $t=-5,498$, $p=0,000$), como podemos constatar pela tabela abaixo

Tabela 18

Regressão linear simples para predição de idade e negação de discriminação contínua

Preditor	r^2	B	<i>t</i>	F	<i>p</i>
Idade	0,023	-0,015	-5,498	30,226	0,000

Foi criada uma variável qualitativa denominada contacto com a diversidade sexual, varia desde 1: não tem nenhum/a amigo/a homossexual/bissexual/transsexual; até 4: tem pelo menos um/a amigo/a para cada uma destas orientações/identidades: homossexual, bissexual e transsexual Percebemos pelos resultados que o contacto com a diversidade sexual explica 4,7% ($\beta= -0,216$, $t= -7,785$, $p=0,000$) da variação média da aversão a gays, ou seja, o aumento do contacto com a diversidade sexual influencia a diminuição da aversão face a gays, sendo os resultados estatisticamente significativos

Tabela 19

Efeito preditor do contacto com a diversidade sexual na dimensão Aversão face a gays

Preditor	β	B	t	F	p
Diversidade Sexual	0,047	-0,216	-7,784	60,586	0,000

Relativamente à dimensão aversão face a lésbicas o mesmo acontece O contacto com a diversidade sexual explica 0,6% ($P=0,081$, $t=-2,843$, $p=0,005$) da variação média da aversão a lésbicas Ou seja, o aumento do contacto com a diversidade sexual influencia a diminuição da aversão a lésbicas Os resultados são estatisticamente significativos (tabela 18)

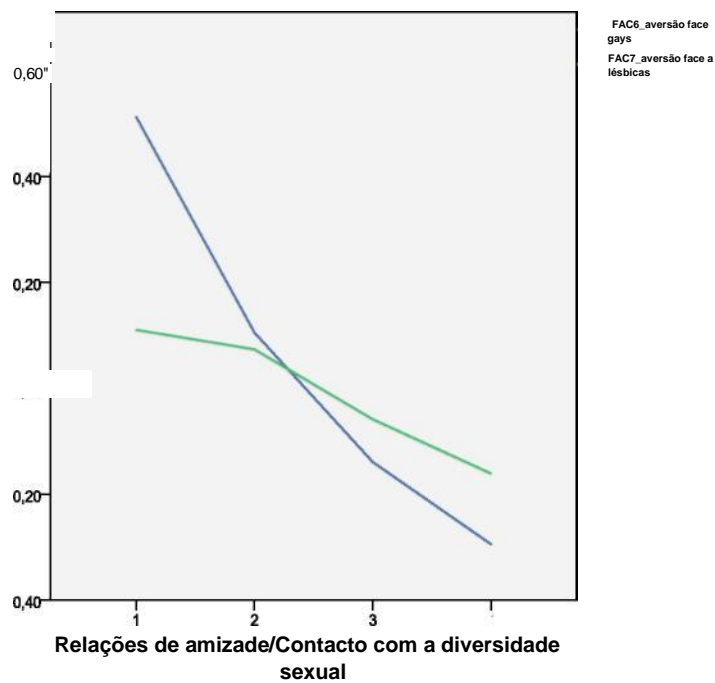
Tabela 20

Efeito preditor do Contacto com a diversidade sexual na aversão face a lésbicas

Preditor	β	B	t	F	p
Diversidade Sexual	0,06	-0,081	-2,843	8,080	0,005

Gráfico 5

Relação do contacto com a diversidade sexual nas dimensões, aversão a gays e aversão a lésbicas



É de notar também que a variação média dos julgamentos de valor dos movimentos gay/lésbico (pró-diversidade) é explicada em 4,7% ($\beta=0,287$, $t=7,742$, $p=0,000$) pela orientação política/posicionamento político à esquerda, os resultados da amostra são estatisticamente significativos (tabela 21) Os dados apresentados indicam que o aumento de posicionamento político à esquerda influencia o aumento dos Julgamentos de valor dos movimentos gay/lésbico (no sentido da pró-diversidade)

Tabela 21

Efeito preditor da orientação política/posicionamento político à esquerda nos Julgamentos de valor dos movimentos gay/lésbico (no sentido de pró-diversidade)

Preditor	r^2	B	t	F	p
Orientação política	0,047	0,287	7,742	59,940	0,000

• *Escala de discriminação face a crossdressers, travestis, transgéneros e transsexuais*

No que respeita à sub-escala de transfobia/genderismo (tabela abaixo) as pessoas participantes mostraram -se pouco transfóbicas e genderistas em itens claramente discriminatórios Assim, os/as participantes parecem concordar que as pessoas devem poder expressar livremente o seu género (M=1,49; DP=1,19) e até eventual compreensão ou apoio a um amigo que quisesse ser submetido a uma operação para “remover o pénis” (M=2,59; DP=1,87); sendo manifestada discordância face à patologização de expressões ou identidades de género – “Os rapazes femininos deveriam ser curados desse problema” (M=6,56; DP=1,04) Contudo, a incongruência e paradoxo das respostas parece surgir quando atentamos a itens que apelam a uma clara liberdade de expressão e exploração de género – discordando de que “As crianças devem ser encorajadas a explorar a sua masculinidade e feminilidade” (M=5,49; DP=1,79) Simultaneamente, tende a haver uma discordância de que existem brinquedos *apropriados* ao sexo das crianças (M=5,49; DP=1,79), o que poderá indiciar ora um determinado grau de confusão relativamente ao género e às suas possibilidades fora de um modelo binário; ora, e muito provavelmente também, um determinado nível de desejabilidade social nas respostas

Tabela 22
Médias e desvios padrão relativos aos itens de transfobia/genderismo

Itens	N	Média	DP
Homens que agem como mulheres deveriam ter vergonha de si próprios	1486	6,59	1,00
Os rapazes femininos deveriam ser curados desse problema	1483	6,56	1,04
Evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela tinha pênis e testículos criados cirurgicamente	1488	6,53	1,10
Não consigo compreender porque é que uma mulher possa agir de forma masculina	1481	6,33	1,19
Não há problema em gozar com pessoas que se transvestem	1489	6,29	1,45
As mulheres que se vêem a si mesmas como homens são anormais	1483	6,29	1,33
Os homens passivos são fracos	1491	6,21	1,32
Homens que depilam as pernas são estranhos	1491	6,21	1,31
Homens femininos fazem-me sentir desconfortável	1487	6,15	1,45
É moralmente errado que uma mulher se apresente publicamente como homem	1479	6,11	1,47
Um homem que se veste de mulher é perverso	1492	6,07	1,37
Se um homem de vestido, maquilhagem e voz fina se aproximasse de um/a filho/a meu/minha, provavelmente usaria força física para o impedir	1493	6,04	1,41
Mulheres masculinas deixam-me desconfortável	1490	5,99	1,47
"Passava-me" se descobrisse que o meu/minha melhor amigo/a ia mudar de sexo	1485	5,97	1,57
As operações de mudança de sexo são moralmente reprováveis	1495	5,88	1,61
Homens que se transvestem para prazer sexual enojam-me	1493	5,72	1,67
Se descobrisse que afinal a/o minha/meu companheira/o pertencia a outro sexo era capaz de me tornar violento/a	1486	5,53	1,75
As crianças devem ter brinquedos apropriados para o seu sexo	1492	5,49	1,79
As crianças devem ser encorajadas a explorar a sua masculinidade e feminilidade	1492	5,49	1,79
Deus criou dois sexos, e somente dois	1479	4,95	2,29
Eu e os/as meus/minhas amigos/as já gozámos e fizemos piadas com homens que se vestem como mulheres	1490	4,70	2,04
As pessoas ou são homens ou são mulheres	1484	4,63	2,26
Eu iria sem problema a um bar frequentado maioritariamente por mulheres que já foram homens	1492	2,68	1,96
Se um amigo quisesse remover o pênis por forma a tornar-se numa mulher eu apoiá-lo-ia completamente	1492	2,59	1,87
As pessoas deveriam ser permitidas de expressar livremente o seu género	1480	1,48	1,19

Através de uma análise factorial em componentes principais com rotação VARIMAX (KMO= 931, $p < 000$), agruparam-se as variáveis em dois factores³⁰ – à semelhança da escala original (Hill & Willoughby, 2005) Assim, o factor 1 conceptualizará questões ligadas à transfobia e ao genderismo, envolvendo afirmações que transcrevem sentimentos de repulsa face a expressões de género percebidas como incongruentes – i.e., mulheres que são percebidas como masculinas e vice-versa – fazendo também parte dele julgamentos negativos acerca de pessoas que não se apre-

³⁰ Os itens 8, 9, 11, 14 e 18 acabaram por sair da análise factorial, quer por questões de fraca factorização, quer por questões psicométricas de consistência interna Embora a maioria dos itens factorize no mesmo componente que na escala original, dá-se a migração de 3 itens ("homens passivos são fracos", "mulheres masculinas deixam-me desconfortável" e "se um homem de vestido, maquilhagem e voz fina se aproximasse de um/a filho/a meu/minha, provavelmente usaria força física para o impedir")

sentem como mulheres/homens estereotípicos Estes sentimentos são ainda alargados a travestis/*crossdressers*, transgéneros e transexuais, e implicam muitas vezes um medo ou ódio irracionais que, parcialmente são perpetrados por ideologias culturais O factor 2, ligado ao ataque/insulto em função do género (*gender bashing*) conceptualiza questões que compreendem a hostilização, perseguição e práticas violentas e negativas face a pessoas que não se conformam com as normas de género

Tabela 23
Factorizações dos itens referentes à escala de discriminação transgéneros, transexuais, *crossdressers* e travestis

Variáveis	Transfobia / Gender is mo (alfa=.895)	Gender Bashing (alfa=.747)
As operates de mudança de sexo são moralmente reprováveis	,721	,076
Homens que se transvestem para prazer sexual enojam-me	,698	,236
Homens que agem como mulheres deveriam ter vergonha de si próprios	,668	,344
É moralmente errado que uma mulher se apresente publicamente como homem	,658	,204
Deus criou dois sexos, e somente dois	,654	,007
Os rapazes femininos deveriam ser curados desse problema	,643	,301
As pessoas ou são homens ou são mulheres	,631	,040
As mulheres que se vêem a si mesmas como homens são anormais	,610	,347
"Passava-me" se descobrisse que o meu/minha melhor amigo/a ia mudar de sexo	,598	,298
Um homem que se veste de mulher é perverso	,565	,408
Evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela tinha pénis e testículos criados cirurgicamente	,540	,421
As pessoas deveriam ser permitidas de expressar livremente o seu género	,534	,099
Se um amigo quisesse remover o pénis por forma a tornar -se numa mulher eu apoiá-lo-ia completamente	,522	,039
Não consigo compreender porque é que uma mulher possa agir de forma masculina	,503	,290
Homens femininos fazem-me sentir desconfortável	,502	,472
Eu iria sem problema a um bar frequentado maioritariamente por mulheres que já foram homens	,486	,112
Se um homem de vestido, maquilhagem e voz fina se aproximasse de um/a filho/a meu/minha, provavelmente usaria força física para o impedir	,462	,396
Já gozei com um homem pelo seu comportamento ou aparência femininos	,093	,686
Já gozei com uma mulher pelo seu comportamento ou aparência masculinos	,058	,674
Já fui violento/a para um homem por este estar a agir de forma demasiado feminina	,164	,573
Eu e os/as meus/minhas amigos/as já gozámos e fazemos piadas com homens que se vestem como mulheres	,108	,572
Mulheres masculinas deixam-me desconfortável	,377	,540
Já agi de forma violenta para com uma mulher por ela ser demasiado masculina	,091	,532
Não há problema em gozar com pessoas que se transvestem	,077	,508
Se encontrasse um homem que usasse sapatos de salto alto, ligas e maquilhagem, pensaria em bater-lhe	,323	,482
Já bati em homens que se comportam como maricas	,147	,444
Os homens passivos são fracos	,153	,422
Variação Total Explicada= 39,662%	32,17%	7,49%

Através do cruzamento destas variáveis com o os grupos de sexo sugere-se que os homens se diferenciam das mulheres ($t(1344) = 4,704$ $p < 0001$), no sentido de demonstrarem mais crenças, ideais e ideologias transfóbicas e genderistas, contribuindo mais facilmente para a manutenção de um sistema heterossexista Da mesma forma, e de maneira bem mais acentuada, os homens mostram uma diferenciação das mulheres ($t(1344) = 10,762$ $p < 0001$), no que respeita ao insulto/ataque de género, uma vez que mais facilmente afirmam ter insultado/agredido (ou ter tido essa vontade) outras pessoas em função das suas expressões de género não conformistas e normativas

O cruzamento das dimensões desta escala com as variáveis sócio -demográficas é útil para um entendimento da organização dos posicionamentos das pessoas inquiridas

Através da nossa análise verifica-se ainda que o aumento das habilitações literárias influencia a diminuição da transfobia/genderismo Estabeleceu-se uma relação linear negativa e a variável habilitações literárias aparece como preditora e capaz de explicar 0,6 % da variação média ($\beta = -0,117$, $t = -2,778$, $p = 0,006$) relativa a variável transfobia/genderismo Ou seja, quanto mais elevadas as habilitações literárias, menor grau de transfobia/genderismo

Tabela 24 Relação linear negativa entre habilitacoes literárias e transfobia/genderismo

Preditor	r ²	B	t	F	p
Habilitações literárias	0,06	-0,117	-2,778	7,720	0,006

Da análise estatística realizada constatamos a presença de uma relação linear negativa A orientação política é uma preditora válida da transfobia/genderismo e explica 9,1 % da variação ($\beta = -0,392$, $t = -11,308$, $p = 0,000$) desta variável dependente Assim quanto mais à esquerda se posiciona o indivíduo, menor o grau de transfobia/genderismo

Tabela 25 Efeito preditor da Orientação política/posicionamento político à esquerda na transfobia/genderismo

Preditor	R ²	B	t	F	p
Orientação política	0,091	-0,392	-11,308	127,863	0,000

Com o objectivo de perceber se o contacto com a diversidade sexual influencia, preditivamente, a dimensão transfobia/genderismo recorremos à realização de uma regressão linear simples A regressão assinalou uma relação linear e negativa, a variação média transfobia/genderismo é explicada em 9,1% ($P = -0,379$, $t = -11,473$, $p = 0,000$) pelo contacto com a diversidade sexual; a significância estatística permite inferir estes resultados para a população Os dados apresentados indicam que o aumento do contacto com a diversidade sexual influencia formalmente a diminuição da transfobia/genderismo

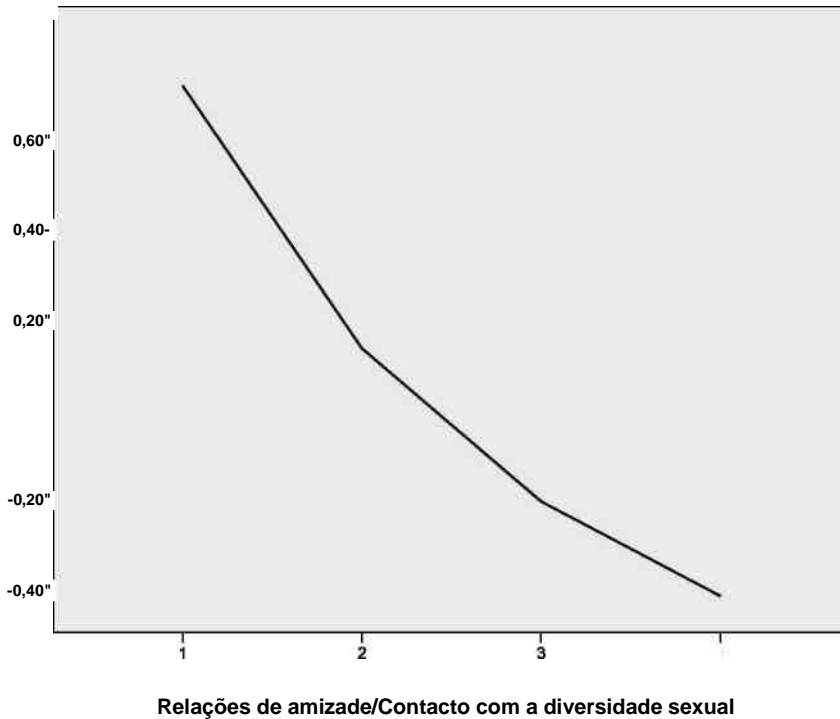
Tabela 26

Efeito preditor do contacto com a diversidade sexual na dimensão transfobia/genderismo

Preditor	r^2	B	t	F	p
Diversidade sexual	0,091	-0,379	-11,473	131,627	0,000

Gráfico 6

Representação gráfica da relação entre o contacto com a diversidade sexual e a dimensão transfobia/genderismo



Para compreendermos o impacto do heterossexismo tradicional na transfobia, recorremos a uma regressão linear simples. Os resultados são apresentados no próximo quadro.

Tabela 27

Efeito preditor do heterossexismo tradicional na transfobia/genderismo

Preditor	r^2	β	t	F	p
Heterossexismo Tradicional	0,421	0,650	29,202	852,737	0,000

A relação estabelecida nesta equação é linear, positiva e estatisticamente significativa. A preditora heterossexismo tradicional explica em 42% a variação média da transfobia/genderismo ($P=0,421$, $t=29,202$, $p=0,000$). Podemos então concluir que o aumento

do heterossexismo tradicional influencia o aumento da transfobia/genderismo, com significância estatística O que mostra como o heterossexismo tradicional se associa também à transfobia e ao genderismo

No respeitante a itens que conceptualizam o *gender bashing*, percebemos que a grande maioria dos/as participantes revelaram nunca ter tido comportamentos insultuosos, de ataque ou perseguição em função do(s) género(s) (identidades ou expressões) de outras pessoas, à excepção da afirmação “já gozei com um homem pelo seu comportamento ou aparência femininos” (M=5,55; DP=1,86) Mesmo tendo em conta que as respostas sofreram a interferência de questões de desejabilidade social, não deixa de ser relevante questionar sobre o porquê desta afirmação ter tido maior grau de concordância Tanto o heterossexismo vigente como as conceptualizações e ideais hegemónicos sobre a heterossexualidade masculina constroem, ancorados num modelo de género essencialista e dicotómico, a imagem de como o *verdadeiro* homem é, ou deve ser, legitimando ao mesmo tempo este tipo de preconceito

Tabela 28

Médias e desvios-padrão relativos aos itens de *gender bashing*

Itens	N	Média	DP
Já bati em homens que se comportam como maricas	1488	6,92	,463
Se encontrasse um homem que usasse sapatos de salto alto, ligas e maquilhagem, pensaria em bater-lhe	1487	6,86	,632
Já fui violento/a para um homem por este estar a agir de forma demasiado feminina	1486	6,86	,608
Se visse na rua um homem que eu pensasse ser na verdade uma mulher iria abordá-lo e perguntar-lhe a que género pertencia	1487	6,78	,738
Já agi de forma violenta para com uma mulher por ela ser demasiado masculina	1494	6,75	,755
Já gozei com uma mulher pelo seu comportamento ou aparência masculinos	1484	6,11	1,47
Já gozei com um homem pelo seu comportamento ou aparência femininos	1478	5,55	1,86

Para sabermos a influência da aversão face a gays na dimensão *gender bashing*, recorremos a uma regressão linear simples No quadro seguinte podem-se analisar os resultados A aversão face a gays é um preditor efectivo do *gender bashing* ($P=0,362$, $t=13,252$, $p=0,000$), explicando 13% da sua variacao média; a relação estabelecida entre a variável independente aversão face a gays e o *gender bashing* é positiva, linear e apresenta significância estatística (tabela 29) Podemos então inferir que o aumento da aversão face a gays influencia o aumento do *gender bashing*

Tabela 29

O efeito preditor da aversão face a gays na dimensão *gender bashing*

Preditor	r^2	β	t	F	p
Aversão face a gays	0,130	0,362	13,252	175,608	0,000

No mesmo sentido, e ainda com o objectivo de compreender se o heterossexismo tradicional é um preditor da dimensão *gender bashing*, utilizamos a regressão linear simples. A próxima tabela descreve os resultados.

Tabela 30
O efeito preditor do heterossexismo tradicional na dimensão *gender bashing*

Preditor	R^2	β	t	F	p
Heterossexismo Tradicional	0,047	0,216	7,610	57,915	0,000

O heterossexismo tradicional é um preditor efectivo do *gender bashing*, e explica 4,7% ($\beta = 0,216$, $t = 7,610$, $p = 0,000$) da sua variação média; a relação estabelecida é linear, positiva e directa; acrescenta-se a existência de significância estatística, que permite inferir os resultados à população. Concluimos então que o aumento do heterossexismo tradicional influencia o aumento do *gender bashing*.

Através do cruzamento destas variáveis com a pertença a grupos de sexo sugere-se que os homens se diferenciam das mulheres ($t(1344) = 4,704$, $p < 0,001$), no sentido de demonstrarem mais crenças, ideais e ideologias transfóbicas e genderistas, contri-buindo mais facilmente para a manutenção de um sistema heterossexista. Da mesma forma, e de maneira bem mais acentuada, os homens mostram uma diferenciação enorme das mulheres ($t(1344) = 10,762$, $p < 0,001$), no que respeita ao insulto/ataque de género, uma vez que mais facilmente afirmam ter insultado/agredido (ou ter tido essa vontade) outras pessoas em função das suas expressões de género não conformistas e normativas.

• *Escala de Atitudes face ao casamento entre pessoas do mesmo sexo*

As respostas à escala de atitudes da tabela seguinte ilustram a favorabilidade da amostra em relação ao casamento entre pessoas do mesmo sexo. Assim todos os itens que reflectem uma atitude positiva aparecem com médias acima de 4,50 (e desvios-padrão inferiores a 1), enquanto todos os itens que expressam uma atitude negativa aparecem abaixo de 2 (ver tabela 29).

As estatísticas descritivas apresentadas permitem apontar para uma atitude muito claramente favorável em relação ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, em termos desta amostra de pessoas heterossexuais.

Tabela 31

Médias e desvio-padrão das atitudes em relação ao casamento entre pessoas do mesmo sexo

Dimensões de análise	N	Média	DP
Os direitos à protecção social das pessoas casadas, como direitos de saúde e de segurança social devem ser extensíveis a casais do mesmo sexo	1462	4,67	,816
O princípio básico do casamento é estabilizar uma relação amorosa duradoura	1463	4,38	1,07
Casais de pessoas do mesmo sexo devem poder usufruir desse direito legal	1463	4,26	
Eu apoio pessoas não heterossexuais que reivindicam o direito ao casamento	1463	4,26	
1,18			
A legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo é um passo importante na aceitação de pessoas que não são heterossexuais	1464	4,21	1,16
O casamento entre pessoas do mesmo sexo garante igualdade para todas as relações independentemente da orientação sexual	1463	4,19	1,16
Dois pessoas do mesmo sexo podem dar a mesma qualidade de educação a um/a filho/a que duas pessoas de sexo diferente	1465	3,99	1,29
O casamento entre pessoas do mesmo sexo irá fortalecer a moral da sociedade pela promoção da igualdade	1464	3,96	1,19
Dado que mais pessoas beneficiarão de direitos associados ao casamento, o conceito de família será fortalecido pela igualdade no acesso ao casamento de pessoas do mesmo sexo	1460	3,83	
1,21			
O casamento entre pessoas do mesmo sexo destrói o significado de família tradicional	1461	2,68	
1,50			
O reconhecimento do casamento entre pessoas do mesmo sexo é uma ameaça para a sociedade porque as escolas serão forçadas a ensinar que a homossexualidade é algo normal	1464	1,59	1,06
O homem e a mulher complementam-se naturalmente, portanto a união	1460	1,56	
1,08 entre dois homens ou duas mulheres não deve ser reconhecida			
O objectivo principal do casamento é educar crianças, portanto			
Eu oponho-me à legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo	1461	1,55	
1,11			
A legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo levará a gastos financeiros desnecessários tais como segurança social	1459	1,51	
1,889			
A legalização do casamento entre pessoas do mesmo	1462	1,51	
1,01			
sexo vai pôr em causa a liberdade religiosa			
O crescente número de mulheres lésbicas é um	1465	1,44	
,940 indicador do declínio da moral na nossa sociedade			
,881 só um homem e uma mulher devem ter direito a casar	1464	1,39	

Para analisar estatisticamente esta variável e cruzá-la com outras optámos por realizar uma análise factorial em componentes principais, obtendo apenas um factor, tal como no estudo original de Pearl e Gallupo, (2007) que nos permite analisar a atitude em relação ao casamento entre pessoas do mesmo sexo Essa análise factorial³¹ (tabela 30) apresentou-se com boa qualidade estatística, como mostra o teste de KMO de 969

³¹ Antes da factorização, procedemos à inversão dos itens que exprimiam uma atitude negativa, indicadas na tabela com asterisco, seguindo os procedimentos seguidos pela escala original A consistência do factor apresenta-se com níveis muito aceitáveis (alfa de Cronbach de 945), com uma variação explicada de 57%

Tabela 32

Estrutura factorial das atitudes em relação ao casamento entre pessoas do mesmo sexo

Variáveis (alfa = ,945)

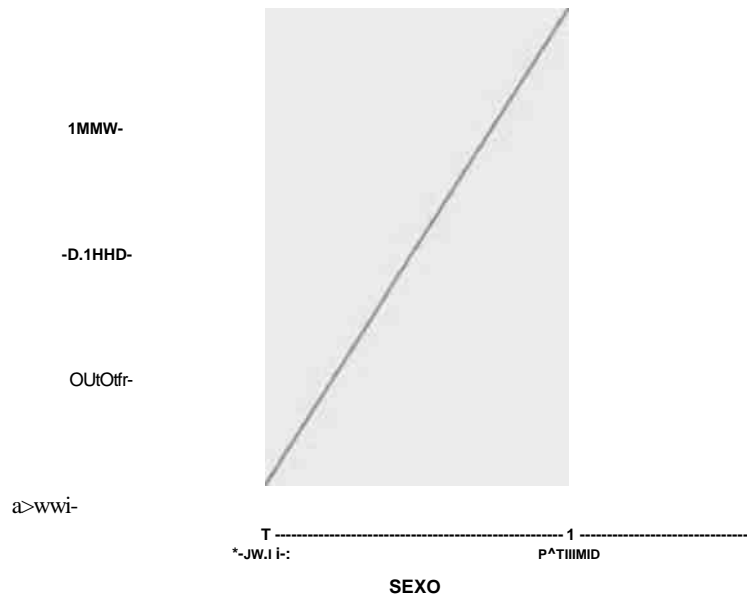
O homem e a mulher complementam-se naturalmente, portanto a união entre dois homens ou duas mulheres não deve ser reconhecida	,8/1
O princípio básico do casamento é estabelecer uma relação amorosa duradoura	,859
Casais de pessoas do mesmo sexo devem poder usufruir desse direito legal	
O crescente número de mulheres lésbicas é um indicador do declínio da moral na nossa sociedade *	,853
Eu apoio pessoas não heterossexuais que reivindicam o direito ao casamento	,835
Eu oponho-me à legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo *	,820
O casamento entre pessoas do mesmo sexo irá fortalecer a moral sociedade pela promoção da igualdade	,805 da
O objectivo principal do casamento é educar crianças, portanto só um homem e uma mulher devem ter direito a casar *	,796
A legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo é um passo importante na aceitação de pessoas que não são heterossexuais	,791
O reconhecimento do casamento entre pessoas do mesmo sexo é uma ameaça para a sociedade porque as escolas serão obrigadas a ensinar que a homossexualidade é algo normal	,745
Dado que mais pessoas beneficiarão de direitos associados ao casamento, o conceito de família será fortalecido pela igualdade no acesso ao casamento de pessoas do mesmo sexo	J0)
Dois pessoas do mesmo sexo podem dar a mesma qualidade de educação a um/another/a que duas pessoas de sexo diferente	,735
O casamento entre pessoas do mesmo sexo garante igualdade para todas as relações independentemente da orientação sexual	,720
A legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo levará a gastos financeiros desnecessários tais como seg soc	,656
Os direitos à protecção social das pessoas casadas, como direitos de saúde e de segurança social devem ser extensíveis a casais do mesmo sexo	,652
O casamento entre pessoas do mesmo sexo destrói o significado de família tradicional	,559
A legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo vai por em causa a liberdade religiosa	,546

Variação Total Explicada = 57,04%

Para caracterizar os posicionamentos das pessoas relativamente às suas atitudes face ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, procedemos ao cruzamento deste factor com a variável sexo. Desta forma conseguimos perceber o papel que a variável assume nestas atitudes uma vez que as mulheres apresentam atitudes mais positivas que os homens ($t(1398) = -6,187$ $p < 0001$). Abaixo (gráfico 7) ilustramos esta diferença estatisticamente significativa.

Gráfico 7

Atitudes face ao casamento entre pessoas do mesmo sexo em função do sexo dos/as participantes



Ainda, as variações nas atitudes de concordância face ao casamento entre pessoas do mesmo sexo são explicadas em 13,5 % ($P=0,447$, $t=14,449$, $r^2=0,000$) e de forma estatisticamente significativa pelo posicionamento político à esquerda (tabela 31)

Desta forma o aumento do posicionamento político à esquerda influencia o aumento das atitudes de concordância face ao casamento entre pessoas do mesmo sexo

Tabela 33

Efeito preditor da orientação política/Posicionamento político à esquerda na atitude face ao casamento entre pessoas do mesmo sexo

Preditor	r^2	B	t	F	p
Orientação política	0,135	0,477	14,449	208,766	0,000

De modo a averiguar o impacto do contacto com a diversidade sexual nas atitudes face ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, realizou-se uma regressão linear simples. A relação estabelecida nesta equação é linear, positiva e estatisticamente significativa. A preditora contacto com a diversidade explica 8,1% da variação média das atitudes face ao casamento entre pessoas do mesmo sexo ($\beta=0,284$, $t=10,989$, $p=0,000$)

Podemos então concluir que o aumento do contacto com a diversidade sexual influencia o aumento de atitudes de concordância face ao casamento entre pessoas do mesmo sexo

Tabela 34

Efeito preditor do contacto com a diversidade sexual e Atitudes face ao casamento entre pessoas do mesmo sexo

Preditor	R2	B	t	F	p
Diversidade Sexual	0,081	0,284	10,989	120,747	0,000

Ainda no sentido de testar se a transfobia e o heterossexismo são variáveis formais da atitude face ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, procedemos a uma regressão linear múltipla (tabela 33)

Tabela 35

Efeito preditor da transfobia/genderismo e heterossexismo tradicional nas atitudes face ao casamento entre pessoas do mesmo sexo

Preditores	r ²		B		t	p	F
	Ajustado			estandardizado			
1 Transfobia/ Genderismo			-0,448	-0,459	-19,621	0,000	1019,625
2 Heterossexismo tradicional	0,641		-0,412	-0,422	-18,064	0,000	

Ambas as variáveis são predictoras formais das atitudes face ao casamento entre pessoas do mesmo sexo. A relação estabelecida entre as variáveis independentes e a variável dependente é inversa. A variável transfobia/genderismo ($\beta = -0,448$, $p=0,000$) é a melhor preditora da variável dependente, seguida da dimensão heterossexismo tradicional ($\beta = -0,412$, $p=0,000$). As variáveis predictoras explicam 64,1% da variação média da variável dependente, sendo que o aumento da transfobia/genderismo e do heterossexismo tradicional, influencia, em elevada magnitude e de forma estatisticamente significativa, a diminuição das atitudes de concordância face ao casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Quisemos ainda perceber as diferenças de médias relativamente a alguns grupos cujo aprofundamento da análise nos pareceu pertinente: (1) as pessoas que conhecem ou não pessoas trans, e (2) grupos em função da religião e prática religiosa. Assim:

(1) Entre o grupo que tem amigos transexuais e o grupo que não tem amigos transexuais, num conjunto de dimensões correspondentes a estas escalas sobre discriminação. Neste sentido, recorreu-se ao teste *t*-student para comparar as médias entre as duas amostras independentes, a dos que têm amigos transexuais (N=145) com aqueles que não têm (N=1324), nas dimensões das seguintes escalas: Escala de discriminação face a *crossdressers*, travestis, transgéneros e transexuais, Escala de Atitudes face ao casamento

entre pessoas do mesmo sexo e Questionário de Discriminacao Preconceito Polimorfo face a Lésbicas e Gays

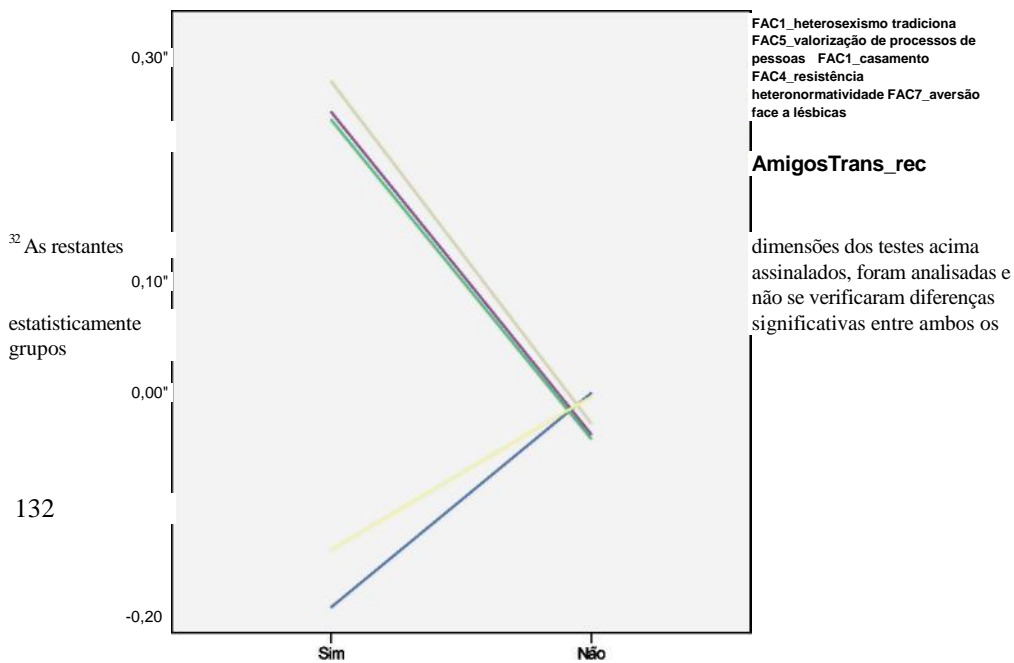
O grupo que tern amigos transexuais apresenta médias superiores comparativa-mente ao grupo que não conhece, nas dimensões³²: Resistência a heteronormatividade ($t(144,627)=2,611, p=0,01$), valorização do movimento gay/lésbico ($t(1254) = 2,955, p= 0,03$) e atitude (de concordância) face ao casamento entre pessoas do mesmo sexo ($M1= -1,721, M2= 0,014, t(208,540)=5,52, ^\wedge=0,000$)

Já o grupo que não tern amigos transexuais apresenta médias superiores comparati-vamente ao grupo que tern amigos transexuais nas seguintes dimensões: heterossexismo tradicional ($t(254,903) = -3386, ^\wedge=0,001$), aversão face a gays ($t(172,135)=-3,181, ^\wedge=0,002$) aversão face a lésbicas ($t(191,242)=-2,417, ^\wedge=0,017$), transfobia/genderismo ($t(200,530)=-5,840, ^\wedge=0,000$) e *gender bashing* ($t(192,263)=-3,863, p=0,000$)

As médias relativas às dimensões do questionário de Preconceito Polimorfo serão graficamente apresentadas abaixo (gráfico 8):

Gráfico 8

Representação grafica da relação entre a variável amigo transexual nas dimensões do Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo



(2) Comparámos as médias entre o grupo de religiosos (N=777) com o grupo de não religiosos (N=705), com recurso ao teste t -student para amostras independentes, nas dimensões das seguintes escalas: Escala de discriminação face a *crossdressers*, travestis, transgéneros e transsexuais, Escala de Atitudes face ao casamento entre pessoas do mesmo sexo e Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo face a Lésbicas e Gays

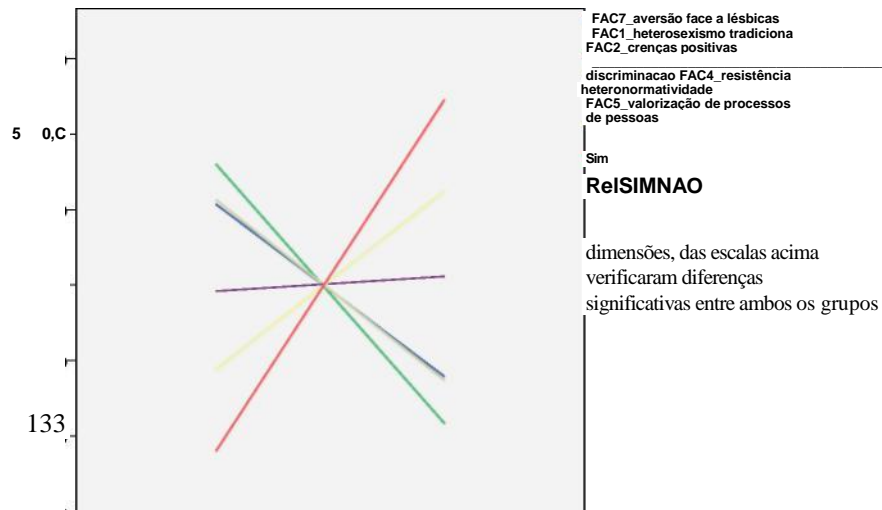
O grupo de religiosos apresenta médias superiores e estatisticamente significativas comparativamente ao grupo que não tem religião nas seguintes dimensões³³: heterossexismo tradicional ($t(1178,672)=6,352, p=0,000$), crenças positivas face a pessoas gay e lésbicas ($t(1266)=4,282, p=0,000$), aversão face a lésbicas ($t(1245,405)=4,141, p=0,000$) e transfobia/genderismo ($M1=0,288, M2=-0,318, t(1282,653)=11,894, p<0,000$)

Por outro lado, o grupo dos que não tem religião apresentou médias superiores e estatisticamente significativas na negação contínua da discriminação ($t(1266)=-4,229, p=0,000$), resistência a heteronormatividade ($t(1205,765)=-4,203, p=0,000$), valorização do movimento gay/lésbico ($t(1259,627)=-8,600, p=0,000$) e casamento entre pessoas do mesmo sexo ($M1=-0,291, M2=0,324, t(1220,877)=-12,406, p=0,000$)

As médias relativas às dimensões do questionário de Preconceito Polimorfo serão graficamente apresentadas abaixo (gráfico 9):

Gráfico 9

Representação gráfica das médias por religioso e não religioso nas dimensões avaliadas pelo Questionário de discriminação do Preconceito Polimorfo



³³ Nas restantes descritas, não se estatisticamente

Com recurso ao teste *t-student* optou-se por comparar o grupo que é religioso praticante (M1, N=341) com o grupo que não o é (M2, N=1135) nas dimensões das seguintes escalas: Escala de discriminacao face a *crossdressers*, travestis, transgéneros e transsexuais, Escala de Atitudes face ao casamento entre pessoas do mesmo sexo e Questionário de Discriminacao Preconceito Polimorfo face a Lésbicas e Gays

O grupo que é praticante duma religião apresentou valores de média superiores e estatisticamente significativos comparativamente ao grupo que não é praticante, nas dimensões³⁴: heterossexismo tradicional (M1=0,387, M2= -0,1159, $t(356,915) = 6,025$, $p < 0,000$), crenças positivas face a pessoas gay e lésbicas (M1= 0,101, M2= -0,323, $t(1261)=1,994$, $p=0,046$), aversão face a lésbicas (M1=0,132, M2= - 0,039, $t(422,171)=2,356$, $p=0,019$ e transfobia/genderismo (M1=0,503, M2= -0,150, $t(426,767) = 9,069$, $p=0,000$)

O grupo que não é praticante apresentou valores de média superiores e estatisticamente significativos, comparativamente com o grupo dos religiosos praticantes, nas dimensões: resistência a heteronormatividade (M1= - 0,125, M2=0,037, $t(1261) = - 2,425$, $p=0,015$), valorização do movimento gay/lésbico (M1= -0,302, M2=0,09, $t(442,298)= -5,670$, $p=0,000$) e atitudes (de concordância) face ao casamento entre pessoas do mesmo sexo (M1= -0,505, M2=0,167, $t(406,155)= -9,712$, $p=0,000$)

Comparámos ainda as médias entre o grupo de não religiosos com o grupo de religiosos não praticantes para as dimensões das mesmas escalas supracitadas O grupo de não religiosos apresentou valores superiores e estatisticamente significativos em comparação com o grupo de religiosos não praticantes nas dimensões: resistência a heteronormatividade (M1=0,128, M2= - 0,102, $t(869,852)=3,559$, $p=0,000$), julgamentos dos movimentos gay/lésbico (pró-diversidade) (M1=0,249, M2=-0,152, $t(704,395)=6,176$, $p=0,000$), atitudes (de concordância) face ao casamento entre pessoas do mesmo sexo (M1=0,328, M2=0,082, $t(664,073)=7,548$, $p=0,000$)

O grupo de religiosos não praticantes apresentou valores superiores e estatisticamente significativos em relação ao grupo dos não religiosos nas dimensões: heterossexismo tradicional (M1= -0,182, M2= -0,012, $t(703,553)= -2,973$, $p=0,003$), crenças positivas face a gays/lésbicas (M1= -0,123, M2=0,110, $t(971)= -3,549$, $p=0,000$), aversão a lésbicas(M1= -0,127, M2=0,092, $t(682,842)= -3,262$, $p=0,001$) e transfobia/ genderismo(M1= -0,317, M2=0,116, $t(698,765)= -7,420$, $p=0,000$)

Para compreendermos quais destas subidas/descidas entre as médias do grupo de religiosos não praticantes com o grupo de religiosos praticantes eram de modo efectivo estatisticamente significativas, recorreremos à análise a partir do teste *t-student* para amostras independentes

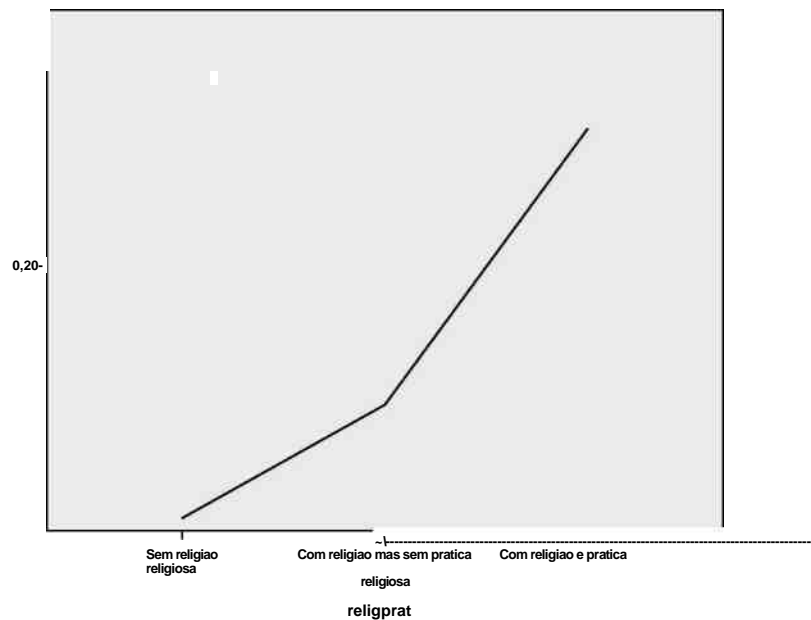
³⁴ Nas restantes dimensões, das escalas acima descritas, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre ambos os grupos

Concluimos que o grupo de religiosos não praticantes apresentou valores superiores nas dimensões³⁵ atitudes (de concordância) face ao casamento entre pessoas do mesmo sexo ($t(571,181)=5,728, p=0,000$), já o grupo de religiosos praticantes apresentou médias superiores à dos não praticantes nas dimensões: heterossexismo tradicional ($t(472,854)=-4,431, p=0,000$) e transfobia/genderismo ($t(597,415)=-4,872, p=0,000$)

Para facilitar a compreensão recorreremos de seguida à representação gráfica dos resultados mencionados. Assim, são a seguir apresentadas as médias entre o grupo não religioso (N=698), religioso não praticante (N=436) e religioso praticante (N=335) nas dimensões em que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, não religioso com religioso não praticante e religioso não praticante com religioso nas dimensões avaliadas no ponto anterior. As dimensões em que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em ambas as comparações são: heterossexismo tradicional, transfobia/genderismo e atitudes (de concordância) face ao casamento entre pessoas do mesmo sexo. Por razões de clareza, os resultados são apresentados em três gráficos diferentes, a divisão é feita consoante a escala a que pertencem. No gráfico abaixo pode ver-se o aumento gradual das médias à medida que aumenta o envolvimento religioso, acentuando-se mais do nível religioso sem prática para religioso com prática religiosa.

Gráfico 10

Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo face a Lésbicas e Gays



³⁵ Nas restantes dimensões, das escalas que foram descritas, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre ambos os grupos.

Destaca-se abaixo (gráfico 11) o aumento constante das médias na dimensão transfobia/genderismo, sem alteração do ângulo da linha do gráfico, do grupo sem religião para religioso não praticante e do grupo religioso não praticante para religioso praticante. Por sua vez (gráfico 12) realça-se a variação do grupo religioso sem prática para o grupo dos religiosos praticantes, onde a descida da linha se torna ainda mais acentuada do que a do nível sem religião para com religião sem prática religiosa.

Gráfico 11

Escala de discriminação face a *crossdressers*, travestis, transgéneros e transsexuais

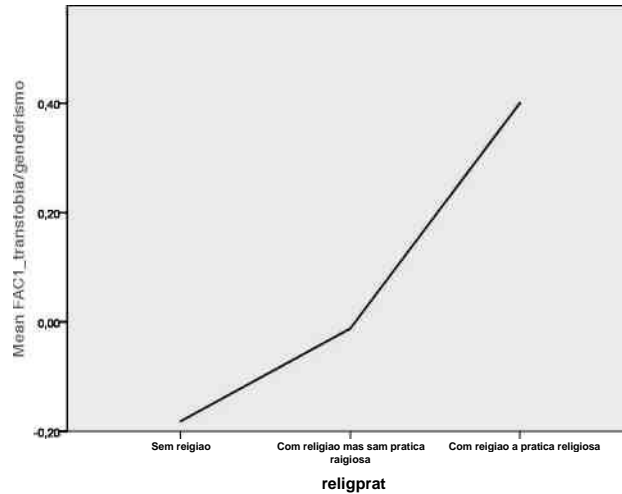
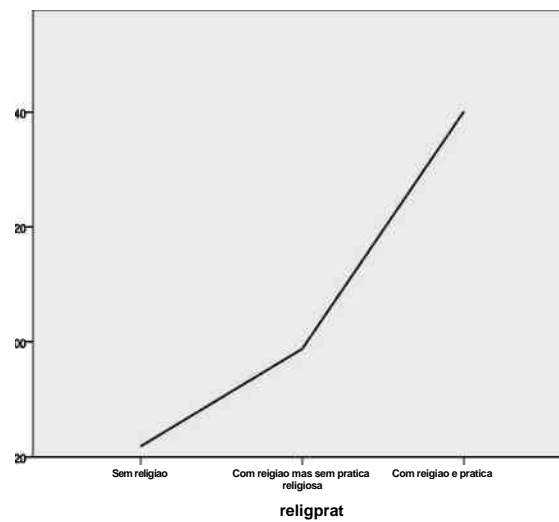


Gráfico 12

Escala de atitudes face ao casamento entre pessoas do mesmo sexo



• *Análise de Imprensa*

Para analisar o modo como os conteúdos relativos à população LGBT foram tratados na imprensa portuguesa, seleccionámos em 4 jornais diários portugueses com circulação nacional, textos jornalísticos cujo tema central fosse qualquer assunto em que a população LGBT estivesse envolvida ou fosse mencionada. Assim recorremos aos arquivos dos jornais disponíveis na internet e introduzimos no moteores de busca palavras como homossexualidade, homossexual, LGBT, lésbica, gay, transexual, transgénero e bissexual. De todos os resultados, seleccionámos os textos cujo tema central fosse algum aspecto relativo à população LGBTQ.

A recolha de dados foi efectuada entre o início de Janeiro de 2009 e fm de Junho de 2009, totalizando uma recolha de 6 meses de notícias sobre a população LGBTQ. Recolhemos 70 notícias. Assim como podemos ver (tabela 36) é o Diário de Notícias que publica mais textos sobre a população LGBTQ, seguido do Público. E interessante notar que o Jornal I que foi fundado em Abril de 2009, publica num curto espaço de tempo 17% dos textos sobre pessoas LGBTQ. O Correio da Manhã é o jornal que menos publica sobre a população LGBTQ.

Tabela 36
Frequências de textos por Jornal

Jornal	Frequência	%
Correio da Manhã	11	15,7
Jornal i	12	17,1
Público	19	27,1
Diário de Notícias	28	40,0
Tot a l	70	100,0

No que toca ao tipo de textos publicados, a maioria são noticiosos (61,4%), seguidos de textos de opinião (onde incluímos crónicas e editoriais), entrevistas (onde incluímos declarações) e por último, as reportagens. Em termos do mês de publicação, a maioria dos textos foram publicados em Junho (30%) e Maio (21,4%), o que pode ser também um efeito da publicação do jornal I.

Tabela 37 Datas de
publicação

Mês	Frequência	%
Janeiro	5	7,1
Fevereiro	13	18,6
Março	6	8,6
Abril	10	14,3
Maio	15	21,4
Junho	21	30,0
Tot a l	70	100,0

No que toca às categorias identitárias mais usadas para descrever esta população, homossexualidade e homossexual são as mais usadas (45,36%) Gay começa a ser mais utilizado (26,8%) LGBT é o acrónimo usado 13,4% das vezes em que a população é referida Com menor peso, surgem as notícias em que se especificam as lésbicas (6,19%) e t r a n s e x u a i s (5,15%) Travestis são mencionados duas vezes e bissexual apenas uma vez

Tabela 38

Frequência do uso de categorias identitárias nos textos jornalísticos recolhidos

Categoria	Frequência	%
homossexual/idade	44	45,36
gay	26	26,80
LGBT	13	13,40
lésbicas	6	6,19
transexuais	5	5,15
travesti	2	2,06
bissexual	1	1,03

Posteriormente, classificámos a temática de cada texto usando 3 palavras, por forma a entender que temas foram tratados Foram eliminadas todas as categorias com frequência absoluta inferior a 2 Em termos de assunto, verifica-se que o casamento entre pessoas do mesmo sexo atinge cerca de um quarto de todos os textos publicados (24,22%) Com uma frequência muito menor seguem-se casos de homicídio (2 casos) que foram relatados pela imprensa A associação ILGA-Portugal foi mencionada 9 vezes, a par da Igreja Católica (7,03% cada) Temas ligados à discriminação foram abordados 8 vezes O Partido Socialista foi mencionado 7 vezes, bem como a oposição ao casamento entre pessoas do mesmo sexo e a violência doméstica entre casais de pessoas do mesmo sexo Já a Marcha LGBT ocupou 4,69% deste espaço temático Os textos sobre o Movimento pela Igualdade (no casamento), sobre figuras públicas apoiantes deste movimento, as notícias que relacionavam a população LGBT com a psiquiatria, com os jovens e com as terapias de reconversão da orientação sexual ocuparam 3,13% deste espaço conceptual

Tabela 39
Frequência de categorias temáticas nos textos jornalísticos

Categoria	Frequência	%
Casamento	31	24,22%
Homicídio	10	7,81%
ILGA	9	7,03%
Igreja Católica	9	7,03%
Discriminação	8	6,25%
Partido Socialista	7	5,47%
Oposição casamento	7	5,47%
Violência doméstica	7	5,47%
Marcha	6	4,69%
MPI	4	3,13%
Figura pública	4	3,13%
Psiquiatria	4	3,13%
Jovem	4	3,13%
Reconversão	4	3,13%
Orientação sexual	3	2,34%
Apoio	3	2,34%
Igualdade	2	1,56%
SIDA	2	1,56%
Caso Gisberta	2	1,56%
<i>Coming out</i>	2	1,56%

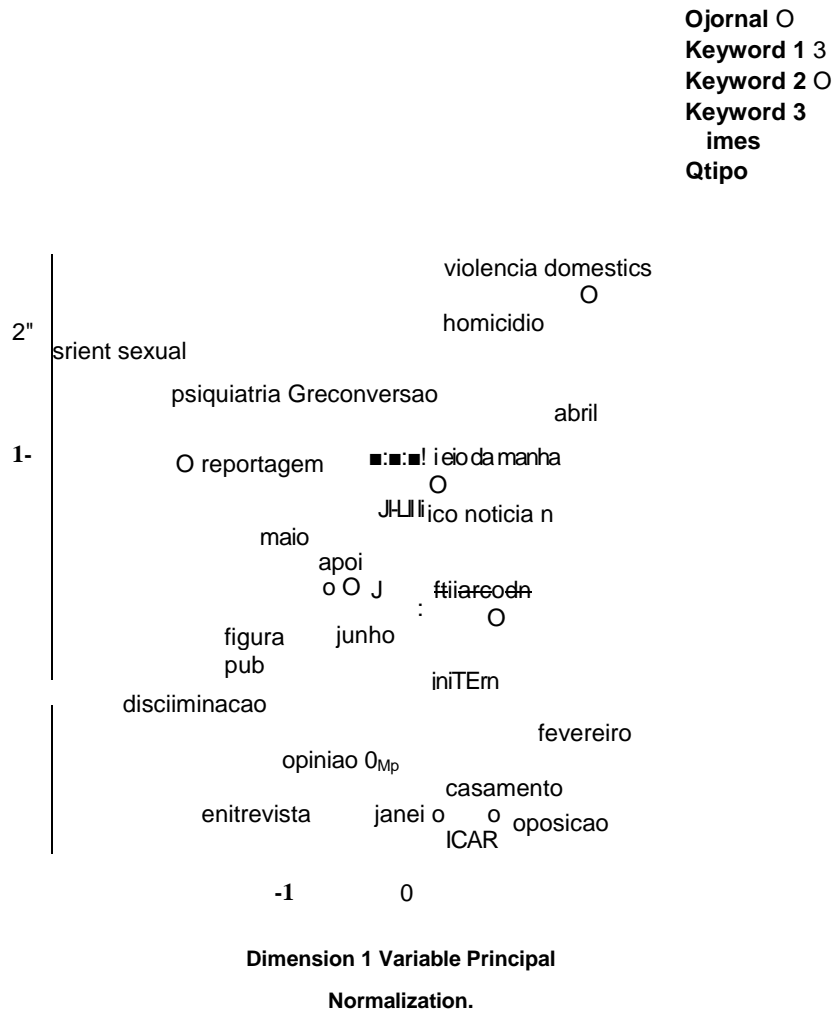
Continuando com a apresentação dos resultados, começaremos pela Análise de Homogeneidade, que agrega todas as variáveis desta análise, permitindo uma leitura das inter-relações entre as variáveis. Todas as dimensões com palavras com frequência inferior a 3 foram retiradas da análise.

Tabela 40
Valores próprios por dimensão

Dimensões	Alfa de Cronbach	Valores Próprios	Inércia
1 – Calendário	,874	3,675	,613
2 – Casamento vs Outros	,800	2,998	,500
Tot a l		6,674	1,112

Tabela 41
Espaço conceptual das notícias sobre pessoas LGBTQ

Joint Plot of Category Points



A primeira dimensão agrupa os temas de forma cronológica e explica 61,3% da inércia da variáveis mostra como há uma mudança estrutural de agenda nestes temas Assim, verifica-se que desde o princípio do ano até Abril temas como a violência doméstica, criminalidade e casamento ocuparam o foco de atenção da imprensa, recorrendo particularmente a notícias Iguamente os actores deste foco de atenção foram a Igreja Católica e partidos como o Partido Socialista

É a partir de Maio, que a agenda muda particularmente com o caso da discussão da reconversão da orientação sexual e com o aparecimento do Movimento pela Igualdade

no casamento O jornal I aparece associado a este lado do eixo, por ter surgido nesta altura do ano Passamos a ter mais entrevistas, artigos de opinião e reportagens, o que parece ilustrar uma necessidade da imprensa em começar a dar visibilidade a diferentes opiniões, permitindo indicar alguma clivagem que começa a surgir em relação ao casamento entre pessoas do mesmo sexo

A segunda dimensão é precisamente estruturada pela oposição entre o casamento e outras questões LGBTQ, que explica 50% da inércia Associado ao casamento temos tomadas de posição claras nas entrevistas e nos artigos de opinião, bem como um efeito mais claro de mobilização de figuras e instituições da sociedade portuguesa, quer apoiantes quer antagonistas da proposta

É importante reforçar que a ILGA -Portugal não aparece associada claramente a nenhuma das dimensões, o que reforça a sua posição enquanto grande interlocutora da imprensa portuguesa para todos os assuntos que dizem respeito às questões LGBTQ

Uma análise por quadrantes permite compreender mais adequadamente a organização deste espaço conceptual

O primeiro quadrante é ocupado com reportagens saídas no mês de Maio e em que os temas principais dizem respeito à controvérsia em torno das possibilidades de reconversão da orientação sexual Como vemos, neste quadrante encontramos a psiquiatria como disciplina onde o debate foi feito

Já o segundo quadrante agrupa os temas relativos aos crimes de homicídio e às situações de violência doméstica associadas ao Correio da Manhã no mês de Abril e que foram principalmente notícias

No 3º quadrante encontramos as temáticas do casamento, muito reportadas por jornais como o Público e o Diário de Notícias, mais associados aos meses de Janeiro, Fevereiro, Março e Abril, mas também as referências à Marcha do Orgulho LGBT (que estes jornais cobriram com destaque) Encontra-se neste quadrante também as principais oposições ao casamento, nomeadamente as da Igreja Católica (ICAR), bem como as discussões no Partido Socialista, que foram particularmente noticiadas

O 4º quadrante agrupa as notícias relativas ao Movimento pela Igualdade (MPI) e os temas da discriminação, bem como as figuras públicas que apoiaram este movimento, particularmente no mês de Junho, com textos jornalísticos como entrevistas e textos de opinião

Conclusões

A amostra do presente estudo (1498 pessoas) é caracterizada por ser maioritariamente composta por mulheres heterossexuais, urbanas, residentes na área da Grande Lisboa, e cujo nível de escolarização é elevado. O método escolhido para o estudo, um questionário aplicado através da internet, teve como limitações, uma maior ausência de outros grupos sociais menos escolarizados e mais velhos e de outras zonas do país.

Através da construção e uso de uma escala sobre discriminação de públicos —alvo mencionados no artigo 13º da Constituição da República Portuguesa, percebemos que as pessoas vistas como mais discriminadas em Portugal são pessoas transsexuais (e acrescentaríamos, transgénero) — sublinhando uma vez mais que a identidade de género ainda não é sequer contemplada no princípio da igualdade do artigo 13º da CRP. Relativamente à orientação sexual, os gays, as lésbicas e os/as bissexuais são, por esta ordem, também considerados como “bastante discriminados/as”, revelando a percepção da discriminação vigente na sociedade portuguesa face a questões ligadas a sexualidades e identidades que por alguma razão contrapõem as normas sociais.

Importa notar que normalmente existe interferência de níveis de desajustabilidade social nestas respostas — levando a que os/as participantes tenham tendência a apresentarem-se aos outros e a si mesmos/as como não preconceituosos/as ou discriminatórios/as (ver por exemplo Gawronski & Bodenhausen, 2007). Assim, é interessante também verificarmos que questionando acerca de que grupos merecem ser discriminados, em termos de orientação sexual e identidade de género as pessoas transsexuais são, em termos médios, vistas como aquelas perante as quais a discriminação mais se justifica, denunciando a reactividade aos que desafiam a construção binária do género e da sexualidade. Por comparação a estas, as lésbicas, os gays e os/as bissexuais são, por esta ordem, vistos como alvos menos justificativos de discriminação.

As mulheres têm maior percepção de discriminação quando comparadas aos homens, resultado que nos faz crer estar relacionado com o facto de estas, por estarem socialmente incluídas numa categoria de género construída como inferior, acabam por estar mais sensíveis e atentas a outras formas de discriminação.

Recorrendo à escala de discriminação face a transgéneros e transsexuais (e *crossdressers* e *travestis*) percebemos alguma incongruência nas atitudes das pessoas face a questões de identidade de género. Por um lado os/as nossos/as participantes concordam que as pessoas devem poder expressar livremente o seu género e tendem a demonstrar atitudes pouco transfóbicas e genderistas, por outro lado demonstram atitudes mais moderadas no que diz respeito ao encorajamento das crianças a explorar a sua masculinidade e feminilidade. Para além das óbvias questões de desajustabilidade social que levam as pessoas a apresentarem-se de forma mais positiva e menos discriminatória possível a si mesmas e a(o)s outros/as, parece haver um tipo de pensamento diferente quando

há foco nas crianças, que remete para um tipo de motivação diferencial na resposta Sabemos que este poderá ser um factor que leva a um maior grau de envolvimento do *self*, e por isso ser explicativo das diferenças nas respostas (Gawronski & Bodenhausen, 2006); eventualmente este factor poderá ser indicador de uma atitude implícita menos favorável a todas as questões que colocam em causa uma norma social de género que constrói e define de forma bastante fechada o “masculino” e o “feminino”

Também relativamente ao *gender bashing* a maioria das pessoas revelam nunca ter tido comportamentos insultuosos ou de agressão em função das expressões de género A única declaração a contrariar este pressuposto é relativa ao gozar homens pelos seus comportamentos ou aparência femininos, o que uma vez mais parece -nos estar ligado a construções conceptuais hegemónicas legitimadoras do preconceito, que definem e ditam o que é um homem, como este se deve expressar e comportar Na nossa análise os homens diferenciam- se das mulheres no sentido de manutenção de um sistema heterossexista, sendo que demonstram mais crenças e ideias transfóbicas e genderistas Os homens distanciam- se ainda das mulheres no que refere ao maior número de insultos ou agressões (praticadas e/ou pensadas) face a outras pessoas em função de expressões ou comportamentos de género vistos como não normativos

Relativamente à aplicação da escala referente ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, podemos verificar uma forte favorabilidade geral em relação a esta questão (incluindo questões ligadas à parentalidade) De qualquer forma e uma vez mais as mulheres são, também por comparação aos homens, mais favoráveis ao casamento entre pessoas do mesmo sexo

De facto, o relatório referente à UE (European Union Agency for Fundamental Rights, 2009) no que respeita às atitudes face ao casamento entre pessoas do mesmo sexo na Europa, situa Portugal nos 29% de concordância – demonstrando uma favorabilidade mais baixa relativamente à média da UE (27 países: 42%), assumindo a Holanda (82%) e a Suécia (71%) os posicionamentos mais positivos e a Roménia (11%) os menos positivos Como é referido no mesmo documento, as atitudes mais positivas tendem a ser encontradas em Estados -membro com algum/ns tipo/s de reconhecimento legal das relações entre pessoas do mesmo sexo, sugerindo uma relação entre atitudes positivas face à diversidade e reconhecimento político -legal Já no que respeito diz às atitudes face à parentalidade (sendo esta focada exclusivamente na possibilidade de adopção por casais de pessoas não heterossexuais, em média na UE apenas 31% das pessoas exibem atitudes positivas De facto, apenas a Holanda (69%) e a Suécia (51%) mostram níveis de positividade de mais de metade da população sobre esta questão Portugal situa- se nos 19%

Recorrendo à escala multidimensional de preconceito polimorfo verificamos que os/as participantes tendem a contrariar o heterossexismo tradicional, que equaciona gays e lésbicas como “doentes”, “ameaças à sociedade” ou dotados de menor “moralí-

dade” As respostas mostram também uma tendência a crenças igualitárias bem como a percepção de que gays e lésbicas continuam a ser discriminados/as, quer de forma geral, quer especificamente no contexto português. Neste sentido, as pessoas mostraram também atitudes de forma geral pouco aversivas face a gays e lésbicas e atitudes que reflectem ideais pró-diversidade e de aceitação e valorização da cidadania e direitos de pessoas LGBTQ. Não obstante, os/as participantes parecem também não ver com admiração as pessoas LGBT por viverem em contextos políticos, sociais e culturais adversos, o que pode querer evidenciar uma falta de reconhecimento dessas mesmas adversidades. Estes participantes mostram ainda sentirem-se muito pouco restringidos relativamente aos seus papéis e rótulos de género e orientação sexual, o que não nos parece ser de todo estranho uma vez que esta nossa amostra é constituída por pessoas auto-identificadas como heterossexuais. Da mesma forma, não mostram qualquer tipo de concordância ou discordância relativamente aos privilégios que a sociedade dá ou nega em função das orientações sexuais, uma vez que, fazendo parte de um grupo maioritário e normativo, não são tão pouco obrigados/as a pensar sobre estas questões. Finalmente, no que respeita a crenças positivas face a pessoas LGBTQ, parece também não haver atitudes particularmente concordantes ou discordantes com esta dimensão. Esta neutralidade atitudinal pode surgir por questões de não reconhecimento e/ou não validação de afirmações que salientam a importância de pessoas LGBT na luta pela consagração de direitos (ex: as lésbicas estiveram na linha da frente no que diz respeito à luta e reconhecimento de direitos iguais às mulheres) – o que nos remete para questões de protecção de uma norma hegemónica *heterossexualizada*. Por outro lado, pode emergir uma neutralidade atitudinal em função de afirmações demasiado estereotipadas (ex: heterossexuais têm algo a aprender com homens gay no que diz respeito à amizade com mulheres).

Dentro deste cenário, foi possível apercebermo-nos também, que uma vez mais, os homens aderem e incorporam mais que as mulheres crenças e ideias relativas ao heterossexismo tradicional, e que negam menos a contínua discriminação ao mesmo tempo que indiciam maior aversão a gays e lésbicas. As mulheres evidenciam maior “aversão” a lésbicas, e acabam por mostrar maior negação da contínua discriminação, o que parece contrariar alguns dados referentes à maior sensibilidade das mulheres para questões de discriminação e preconceito(s).

Ainda, a análise à imprensa permitiu constatar uma visibilidade das temáticas LGBT na imprensa portuguesa. É notória uma presença continuada desta temática, o que indica um interesse dos jornais por acompanhar as iniciativas em torno da comunidade LGBTQ. É curioso notar como foi o casamento que ocupou a maioria das atenções, não só enquanto tema, mas também enquanto objecto de oposição (5,47%) e como objecto de constituição de movimentos cívicos (3,13%). Note-se, contudo, como ainda os crimes, nomeadamente o homicídio ocupam parte deste

espaço conceptual A atenção pública dada à ILGA -Portugal é também um indicador do modo como a imprensa recorre a esta associação (mais do que às restantes) para prestar declarações sobre as pessoas LGBTQ A Igreja Católica assume um elevado protagonismo nestas notícias, que se explica pelas sucessivas tomadas de posição que tomou contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo

Emergiram igualmente os temas da violência doméstica entre casais de pessoas do mesmo sexo e da discriminação sofrida pelas pessoas LGBTQ, temas que começam a ganhar maior importância na imprensa e menos relatados anteriormente

Um tema recente refere -se à tomada de posição de alguns psiquiatras sobre as chamadas terapias de reconversão da orientação sexual Este caso foi menos mencionado, mas apesar permitiu verificar o modo como certos elementos de determinados grupos profissionais teimam em manter, à revelia das orientações científicas internacionais, terapias assentes na reconversão da orientação sexual, o que foi claramente contestado por outros elementos da mesma classe profissional Falamos mais precisamente das declarações do Presidente do Colégio da especialidade de Psiquiatria da Ordem dos Médicos ao Público de 2 de Maio de 2009, em que o mesmo declarava que

"Se um indivíduo tiver uma homossexualidade primária (isto é, com um cunho biológico muito marcado, traduzido em tendências homossexuais desde muito novo e tendo tido sempre este tipo de orientação ao longo da vida) será muito difícil 'deixar de ser assim'. Aqui, a ajuda será no sentido de o ajudar a aceitar - se como é", explica. Já "se for uma homossexualidade secundária (ou seja, mais uma opção aprendida ao longo do desenvolvimento, muitas vezes com experiências heterossexuais positivas e gratificantes, antes da opção homossexual)", então, diz o professor da Universidade do Porto, deve estudar - se a possibilidade "de se re - enquadrar a identidade de género e as opções de relacionamento sexualizado" do cliente. Como? Através das "várias formas de psicoterapias". (Público, 2/5/2009)

Estas declarações motivaram uma forte reacção de associações ligadas à saúde, diversos profissionais de saúde mental e outros que questionaram as propostas de re -enquadramento da orientação sexual (noticiado no Público de 27/5/2009) e ilustram um exemplo que mostra mais uma vez que também da parte da ciência e da profissão médica encontramos algumas crenças (recusadas pela maioria da comunidade científica internacional) que promovem a ideia de que a homossexualidade é ainda tida como um problema de saúde mental Tal como se verificou em relação ao debate da interrupção voluntária da gravidez (Oliveira, 2009), também estes sectores da medicina promovem um discurso tido como conservador até pelos seus pares e que pode promover homofobia internalizada

Este trabalho permitiu perceber a centralidade que o casamento entre pessoas do mesmo sexo assumiu para a opinião pública E nessa centralidade que o casamento assumiu encontramos igualmente alguns discursos discriminatórios no que à homossexualidade diz respeito Assim, vários textos de opinião, classificados nesta análise

como oposição ao casamento apresentavam pressupostos que poderiam ser classificados como promotores de desigualdade das pessoas LGBT. Veja-se o texto de Rita Lobo Xavier no Público de 15 de Abril de 2009:

“o tempo em que as leis eram projectadas a pensar no bem comum e em que podíamos tranquilamente confiar na presunção de que “o legislador consagra as soluções mais acertadas”, não veríamos os representantes dos portugueses colaborarem em toda esta encenação por motivos eleitorais, tentando fazer - nos crer que a adulteração do casamento civil é um preço que todos temos de pagar em nome do valor superior da eliminação de discriminações” (sublinhado nosso)

Transmitir a ideia de que a admissão de casais do mesmo sexo consiste numa forma de adulteração do casamento civil é uma maneira de manter estas populações numa posição de inferioridade. Sobretudo trata-se de se permitir a promoção de um posicionamento claramente diferenciador das pessoas LGBT em relação às pessoas heterossexuais que pode ser lido como uma discriminação.

Encontramos pois neste argumentário dos posicionamentos públicos contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo, o peso da adesão a um pensamento que promove a diferença e não a igualdade, mostrando o modo como a imprensa veicula algumas tomadas de posição passíveis de serem lidas como discriminatórias.

Confirma-se que as categorias identitárias mais usadas foram homossexual/idade e gay, que somados constituem mais de 70% das categorias utilizadas. Assim, parece que esta visibilidade de temas LGBT se centrou mais nas pessoas homossexuais do que nas pessoas bissexuais ou transexuais e transgénero, mantendo estas categorias identitárias na penumbra. As lésbicas também são pouco nomeadas. A designação LGBT permite visibilizar todos os grupos, mas foi apenas usada em 13,4% das vezes.

Concluimos com a constatação de que a primeira metade de 2009 foi dedicada à questão do casamento entre pessoas do mesmo sexo, que se tornou no principal assunto de cobertura jornalística no que diz respeito à população LGBTQ. Os meses de Maio e Junho foram particularmente produtivos em termos da visibilidade do Movimento pela Igualdade, o que explica a grande produção de textos jornalísticos nessa altura sobre a população LGBTQ.

Este estudo concretiza o seu objectivo, apesar de existirem algumas limitações relativas à nossa amostra: há um grande desequilíbrio no que respeita a categorias de sexo, uma vez que esta é maioritariamente composta por mulheres (74,5%), bem como por pessoas ideologicamente posicionadas à esquerda (57%), o que nos deixa com pouca representatividade das atitudes de pessoas politicamente posicionadas à direita.

Contudo, o estudo permitiu-nos evidenciar indicadores respeitantes às atitudes e ideias sobre a população LGBT por parte de uma amostra de pessoas heterossexuais. Assim, focámos questões pertinentes desde as mais *mainstream* que fazem uma agenda social e política de forma cada vez mais explícita (casamento entre pessoas do mesmo

sexo); a outras de igual importância apesar de (ainda) discutidas em menor grau (transfobia e genderismo), reforçando o papel que as normas sociais institucionalizadas e políticas praticadas podem ter na construção de atitudes face a identidades não-normativas. Optámos também por uma abordagem multi-dimensional às questões de preconceito por nos parecer que uma forma mais holista, e não simplista, seria a mais válida e pertinente para estudar questões ligadas às várias formas de discriminação. Salientamos também o facto de termos recorrido a medidas recentes e utilizadas noutros países, que cremos, nos possibilita potenciar uma melhor forma de conhecimento e de fazer ciência.

Desta forma, pensamos ter dado um contributo importante no que diz respeito à continuidade dos estudos sobre discriminação em função da identidade de género e orientação sexual, bem como à ponderação das crenças associadas e ideais veiculados normativamente.

Recomendações para Políticas

Pelos dados e conclusões discutidas no presente trabalho achamos pertinente pensar numa lista de recomendações políticas a ter em linha de conta.

É necessário garantir cada vez mais formações que reflictam e denunciem os efeitos da homofobia, da transfobia, e do heterossexismo. Estas formações devem ser abrangentes ao maior número de sectores e instituições públicas.

Importa ainda que sejam realizadas acções especificamente dirigidas a homens, dadas as diferenças que encontramos em função de grupos de sexo. No mesmo sentido, importa pensar e realizar um crescente número de campanhas públicas que reflictam estas preocupações, assim como fomentar a produção de documentação e publicações de suporte a estas matérias.

É importante frisar as assimetrias regionais e o papel que as políticas públicas podem assumir no sentido de uma maior produção de conhecimentos e sensibilização face a estas matérias.

Faz-se imprescindível discutir dados sobre discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género de um ponto de vista internacional, promovendo, por exemplo, a existência de Conferências Internacionais dedicadas aos temas abrangidos, para que caminhemos cada vez mais para uma maior sensibilização e erradicação das várias formas de discriminação institucionalizadas e perpetuadas por mecanismos sociais, culturais, educacionais e políticos.